



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
KARINA BUSS WIGGERS

SEPARAR-SE OU NÃO? A reconciliação como opção

Palhoça

2011

KARINA BUSS WIGGERS

SEPARAR-SE OU NÃO? A reconciliação como opção

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, como requisito parcial para obtenção do título de psicólogo.

Orientadora: Prof. Zuleica Pretto, Msc.

Co-orientador: Prof^o Leandro Castro Oltramari, Dr.

Palhoça

2011

KARINA BUSS WIGGERS

SEPARAR-SE OU NÃO? A reconciliação como opção

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de psicólogo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 20 de junho de 2011.

Prof^a e Orientadora Zuleica Pretto, Msc.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Co-orientador Leandro Castro Oltramari, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Deise Maria do Nascimento, Dra.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Saidy Karolin Maciel, Dra.
Universidade do Sul de Santa Catarina

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| TABELA A- CATEGORIZAÇÃO DE ANÁLISE- CAPÍTULO ÊXITO..... | 34 |
| TABELA B- CATEGORIZAÇÃO DE ANÁLISE- CAPÍTULO RECONCILIAÇÃO... | 34 |
| TABELA C- CATEGORIZAÇÃO DE ANÁLISE- CAPÍTULO SEPARAÇÃO..... | 35 |
| QUADROS DE APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS..... | 36 |

AGRADECIMENTOS

À família...

Agradeço a minha família...pai, mãe, Pri, Fê e Mari. Minha base, meu tesouro. Agradeço por pertencer a esta família, que me apóia e me encoraja em todos os meus passos. Agradeço em especial aos meus pais, que fizeram com que os seus sonhos fossem o meu, para que tudo pudesse ser concretizado!

Ao companheiro...

Ao meu namorado, John, que com seu bom humor e carinho fez com que meus dias ficassem mais leves para enfrentar tantas jornadas!

Aos professores...

Agradeço a Prof^a Márcia Sandrini, que participou da banca de qualificação deste trabalho e de forma muito cuidadosa se empenhou para auxiliar no aperfeiçoamento da pesquisa.

A Prof^a Deise, com quem dividi diversos momentos de aprendizado nestas últimas etapas da formação profissional, sendo indispensável durante esta trajetória.

Ao Prof^o Leandro Castro Oltramari que me orientou no projeto de pesquisa, repassando todo o seu entusiasmo e dedicação. O seu esforço em resgatar o que há de melhor em cada um, as suas críticas construtivas me fizeram ir além.

A querida Prof^a Saily, que com seu jeito sistêmico fez despertar em mim o desejo de ser sistêmica também. És uma referência pra mim, um espelho onde busco muitos reflexos!

Á minha orientadora Zuleica, por ter me “adotado” nesta segunda etapa do trabalho de conclusão de curso. Agradeço por confiares no meu potencial, esperar que os primeiros passos fossem meus para que assim o trabalho tivesse “a minha cara”.

Às companheiras de jornada...

Minhas colegas da mediação, Tcc e parceiras de “sufoco”. Obrigada por dividir as angústias e vitórias comigo!

Às irmãs que a vida me deu...

Agradeço aos presentes que a Psicologia me deu. Todas as pessoas que cruzaram meu caminho e deixaram uma marquinha de si em mim.

Agradeço também, minhas amigas de sempre para sempre, que estão presentes em mais uma etapa da minha vida. Obrigada, por tudo.

“A mente que se abre a uma nova idéia, jamais voltará ao seu tamanho original”
(Albert Einstein).

RESUMO

A mediação familiar é um serviço alternativo ao processo litigioso. Proporciona um espaço de clarificação dos conflitos e expansão da consciência dos mediados em relação a diversos fatores envolvidos na separação conjugal. Neste processo de conscientização, sentimentos podem ser manifestados como o desejo de reconciliação. O objetivo desta pesquisa foi compreender as justificativas para a reconciliação de homens e mulheres que desistiram do divórcio durante a mediação familiar. Quando se trata de relacionamento conjugal um leque de especificidades se abre. Para isto, foi necessário investigar o que as pessoas consideram necessário para o êxito na relação, bem como suas crenças acerca da separação, além de questionar diretamente os motivos para a reconciliação. Foram entrevistados quatro sujeitos, dois homens e duas mulheres, identificados como requerentes, ou seja, aqueles que solicitaram o serviço de mediação em um Fórum da Grande Florianópolis. As entrevistas foram transcritas e analisadas a partir da técnica de análise de conteúdo, tendo caráter qualitativo e exploratório. Os conteúdos advindos das entrevistas foram definidos a partir de categorias formuladas a posteriori. Os entrevistados referiram alguns aspectos como respeito, fidelidade e diálogo como fundamentais para que a relação perdure. Todos esses fatores foram discutidos a partir das perspectivas e formas de entendimento expostas. A influência que os filhos têm para que o casamento se mantenha como uma base sólida foi algo predominante em todas as entrevistas. Verificou-se também que a separação é buscada como uma alternativa diante de conflitos, entretanto, o desejo prioritário identificado não foi o de separação, e sim o de mudanças na relação conjugal. A separação tendo uma conotação negativa foi observada a partir das falas dos entrevistados e problematizou-se a inferência dessas crenças na relação. A partir da análise e discussão dos dados pode-se verificar a complexidade presente nas relações conjugais e a importância de se realizar pesquisas compreendendo essas temáticas.

Palavras-chave: Reconciliação. Separação. Mediação familiar.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 PROBLEMÁTICA E JUSTIFICATIVA | 11 |
| 1.2 OBJETIVOS | 16 |
| 1.2.1 Objetivo Geral | 16 |
| 1.2.1 Objetivos Específicos | 16 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO | 17 |
| 2.1 CONJUGALIDADE | 17 |
| 1.2.1 Amor | 18 |
| 2.2 SEPARAÇÃO E RECONCILIAÇÃO | 21 |
| 2.3 MEDIAÇÃO | 25 |
| 3 MÉTODO | 28 |
| 3.1 TIPO DE PESQUISA | 28 |
| 3.2 PARTICIPANTES | 29 |
| 3.3 EQUIPAMENTOS OU MATERIAIS | 29 |
| 3.4 SITUAÇÃO E AMBIENTE | 29 |
| 3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS | 30 |
| 3.6 PROCEDIMENTOS | 31 |
| 3.6.1 Seleção e Contato com os Participantes | 31 |
| 3.6.3 Coleta e registro dos dados | 33 |
| 3.6.4 Organização, tratamento e análise dos dados | 34 |
| 4 RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS | 36 |
| 4.1 ÊXITO | 39 |
| 4.1.1 Respeito | 39 |
| 4.1.2 Fidelidade | 41 |
| 4.1.3 Diálogo | 43 |
| 4.1.4 Crenças sobre Relacionamento Conjugal | 46 |
| 4.2 RECONCILIAÇÃO | 49 |
| 4.2.1 Filhos seguram casamento sim! | 50 |
| 4.2.2 Não quero separação, quero mudança! | 54 |
| 4.2.3 Dependência Financeira | 56 |

| | |
|--|----|
| 4.2.4 “Se não gostasse não voltava” | 58 |
| 4.2.5 Características do Cônjuge | 60 |
| 4.3 SEPARAÇÃO | 61 |
| 4.3.1 Ambivalência | 62 |
| 4.3.1.2 Separação: hoje não, amanhã quem sabe | 64 |
| 4.3.2 Desconfiança | 66 |
| 4.3.3 Os separados | 68 |
| 4.3.4 Eu separado (a) | 70 |
| 4.3.4 O financeiro se destrói | 71 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 74 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 77 |
| APÊNDICES | 83 |
| APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semi-estruturada | 84 |
| APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 86 |

1 INTRODUÇÃO

O interesse por estudar assuntos atrelados ao relacionamento amoroso, fez com que se pensasse uma forma de aliar o desejo em aprofundar-se nesse tema com a prática do estágio em mediação familiar realizado em um Fórum da Grande Florianópolis. Nesse sentido, decidiu-se investigar as justificativas de homens e mulheres que tinham a intenção de se separarem judicialmente e que optaram pela reconciliação com o cônjuge. Com o intuito de entender essa problemática foi necessário discutir temas como conjugalidade, amor, separação e reconciliação de casais e por fim mediação familiar, tópicos esses que foram apresentados na fundamentação teórica deste trabalho. Posteriormente, foi realizada a análise e discussão dos dados apresentando categorias definidas a posteriori. Esta análise foi dividida em três capítulos: Êxito, Reconciliação e Separação. Dentro desses, categorias e subcategorias objetivam problematizar o que os entrevistados apresentaram como pontos fundamentais para o relacionamento perdurar, assim como as justificativas para a reconciliação e crenças sobre a separação em si.

1.1 PROBLEMÁTICA E JUSTIFICATIVA

Jablonski (1998) e Bauman (2004) discutem o amor na contemporaneidade sob diversas perspectivas, contextualizando-o inclusive dentro do casamento. Os autores referem que na história do matrimônio, o objetivo primordial deste era possibilitar uma ampliação do patrimônio através da aliança de sobrenomes. O amor ficava em segundo plano, sendo visto como um sentimento possível de ser construído ao longo de uma vida em comum. Os autores identificam as mudanças contemporâneas desse contexto como a priorização do amor na escolha do casamento.

Contudo, Bauman (2004) em seu livro *O amor líquido* problematiza a liquidez com que o amor se apresenta hoje em dia, como um vínculo que se faz e desfaz com maior naturalidade. Da mesma forma com que as pessoas estão avaliando o amor como principal fator para se estabelecer uma união estável, elas acabam tendo menos critérios para amar, ao ponto de designar uma relação sexual casual como “fazer amor” (BAUMAN, 2005, p.19).

Em relação a essa facilidade na ruptura de vínculos, Costa (2008) assim como Jablonski (1998) e Müller (2005) alegam que as pessoas estão menos toleráveis a insatisfação pessoal atrelada ao casamento, não sendo mais passíveis ao silêncio diante dos conflitos como décadas atrás. Desta forma, se o amor é o principal fator de decisão para a escolha do casamento, quando este acaba, o casal não vê mais razão para se manter junto.

Diferentemente dos estudos de Neves (2007) e Oltramari (2009) que abordam o amor como uma prática social, que deve ser alimentado e reconstruído no dia a dia através de ações práticas. Os autores apesar de considerarem o amor como um sentimento, afirmam que é numa interação social, em um contexto histórico e cultural que ele acontece. Esse pensamento exige dedicação do outro para a manutenção do sentimento, entretanto, conforme Jablonski (1998) as pessoas ainda visam suprir a idealização de um conto de fadas, objetivando encontrar um parceiro com um leque de características já pré-determinadas.

Esse propósito de achar alguém perfeito vai ao encontro com a idéia de amor romântico, caracterizado no senso comum, conforme aponta Felipe (2007, p.12) como “tampa da panela, metade da laranja, almas gêmeas”. A motivação

acontece pela procura e as pessoas acabam usando o outro como um meio para despertar o sentimento de um amor idealizado novamente e não como um fim (BAUMAN, 2004; MÜLLER, 2005).

Essa construção de amor idealizado é influenciada pelos meios de comunicação em novelas, seriados, filmes, livros, músicas, peças de teatro. As pessoas com uma quantidade cada vez maior de informações externas procuram essa ligação emocional construída como ideal nas relações sociais. A idéia de conjugalidade também se altera a partir dessas mudanças de paradigmas, visto que a busca pela felicidade é algo primordial na condição humana, o que faz com que as pessoas se desvinculem da relação conflituosa e partam em busca dessa realização pessoal (JABLONSKI, 1998).

Quanto a essa ruptura da relação conjugal, Heilborn (2004) e Feres-Carneiro (2003) expõem que a identidade social de casal marcada por práticas e linguagens em comum é deixada de lado no momento em que os sujeitos decidem se separar e passam a se afirmar em sua individualidade novamente. A separação é um processo que pode ser vivido como uma experiência de amadurecimento e crescimento pessoal e não como uma situação traumática de vida. Para isso, é preciso que haja uma reavaliação dos aspectos pessoais, uma auto-análise, o que necessita muitas vezes do auxílio de profissionais capacitados para esse caminho de descobertas (PINTO, 2001).

Feres-Carneiro (2003) relata que há diversos casais que solicitam terapia com o intuito de se separarem da forma mais pacífica possível e no decorrer da terapia deparam-se com um desejo de não dissolverem a relação. Em sua prática clínica observa que há uma super valorização do casamento e justamente por isso, as pessoas não admitem que esteja em desacordo com as suas expectativas, portanto, na maioria das vezes acabam se recasando.

Além daqueles que optam por um novo casamento, Andolfi et. al (1995) aponta que alguns casais diante da separação têm seus sentimentos despertados, ocasionando em uma busca contínua da reconstrução do relacionamento, sob a forma de um “paraíso perdido” como define o autor.

Esta seria uma possível justificativa para a reconciliação dos casais, mas há ainda a dúvida por que algumas pessoas buscam esse paraíso perdido no mesmo relacionamento, muitas vezes, desgastado e não tentam a reconstrução a partir de um novo vínculo amoroso.

Segundo Bittencurt (2009) esse desejo de não dissolver a relação pode aparecer na mediação familiar, pois a comunicação tende a ser clarificada e fazer com que sentimentos venham à tona e propiciem a decisão do casal de se manterem juntos. Conforme Müller (2005, p.28), a demanda no sistema judiciário fez com que fosse oferecida a mediação familiar como alternativa para obter o divórcio de forma mais rápida, posto que exige apenas “homologação judicial para adquirir legalidade”. O autor acredita que os casais que optam se separar através da mediação obtêm soluções melhores, mais eficazes, que tendem a se firmar por mais tempo.

Os índices mostram que é cada vez mais comum o divórcio no Brasil. Segundo dados do IBGE em 2007 foram oficializados em torno de 27 mil casamentos a mais do que no ano de 2006. Em contrapartida, o número de dissoluções também aumentou, somando o total de 231.329, ou seja, a cada quatro casamentos houve uma dissolução. A Lei 11.441/2007 facilitou os processos de divórcios, possibilitando aos casais oficializarem o rompimento da relação conjugal em qualquer tabelionato por meio de escritura pública.

Além disto, a nova Lei do Divórcio, promulgada no ano de 2010, promove ainda maiores facilidades, pois não exige a separação do casal por mais de dois anos. Essa facilitação nos procedimentos legais para que o divórcio possa ser oficializado também resulta em uma economia financeira, já que os cônjuges terão que pagar apenas uma vez o honorário do operador do direito (NOTADEZ, 2010).

A partir dessa mudança da Lei, pode-se prever um aumento do número de casais que entrarão com o pedido do divórcio. Aqueles que prolongavam a decisão de divorciar-se devido às complicações do processo judicial podem encorajar-se a fazê-lo em virtude da facilitação decorrente da nova Lei. Outro fator importante apresentado como possível justificativa para a elevação dos índices de divórcio, seriam as mudanças já abordadas anteriormente sobre os ideais de amor, casamento e conjugalidade.

Em relação às separações judiciais, o artigo 3º descrito no site JusBrasil discorre sobre os casos e efeitos destas e a conduta dos juízes nestas situações: “O juiz deverá promover todos os meios para que as partes se reconciliem ou transijam, ouvindo pessoal e separadamente cada uma delas e, a seguir, reunindo-as em sua presença, se assim considerar necessário.” Os juízes devem, portanto, propiciar a reconciliação se caso houver dúvidas quanto ao desejo de divórcio. Contudo, adotar

o divórcio direto, excluindo o período de separação obrigatória por um ano, pode fazer com que as reconciliações entre os casais não aconteçam, já que os cônjuges terão menos tempo para pensar em um possível recomeço.

Diante do exposto, pode-se pensar que tanto com o aumento do número de divórcios pela facilitação da lei, como pela suposta baixa nos casos de reconciliação pelo divórcio direto, a mediação familiar se torna ainda mais importante. Sendo uma via alternativa ao processo litigioso auxilia na agilidade do sistema judiciário e também proporciona um espaço de discussão para a manifestação dos desejos pessoais, inclusive o de possíveis reconciliações.

Em um Fórum da Grande Florianópolis está instaurado o Serviço de Mediação Familiar, onde atuam estagiários (as) do curso de Psicologia da UNISUL como mediadores (as) propondo o intermédio da comunicação entre as partes envolvidas. O envolvimento com o local de estágio viabiliza a realização da pesquisa e fez surgir o interesse pelo tema. Na prática do estágio são presenciadas variadas situações conflitivas entre os casais, nas quais muitos chegam a acordos formalizados pelo operador de direito, outros não concluem o processo de mediação e ainda alguns desistem, pois acabam se reconciliando.

Essa reconciliação acontece no ambiente de estágio, por isso acredita-se que a mediação familiar freqüentemente possui um efeito terapêutico entre os casais, pois apesar desta não ter o foco de uma psicoterapia, proporciona um espaço para questões serem discutidas, o que pode auxiliar na reconstrução do vínculo amoroso (BREITMAN, PORTO, 2001)

A mediação seria o âmbito que denunciaria a necessidade do casal de refletir sobre determinados assuntos, entretanto, não comportaria aprofundar tal demanda. Portanto, seria necessário um serviço alternativo a esses casais que carecem de um espaço propício para discutir sobre questões de relacionamento. Grupos de reflexão juntamente com postos de saúde poderiam ser pensados como alternativas para o encaminhamento.

A relevância social desta pesquisa está pautada nas políticas públicas, que dessa forma poderia oferecer um serviço a população com o objetivo de promover reflexões e empoderar as pessoas para que consigam lidar melhor com os conflitos advindos da relação conjugal. A investigação das justificativas atreladas a reconciliação, bem como os motivos que levam a manutenção do casamento e as

crenças ligadas a este, pode contribuir com o planejamento de projetos de intervenção.

Em meio à busca por fundamentos teóricos que embasassem a presente pesquisa, deparou-se com a escassez de literatura abordando especificamente o tema reconciliação de casais, o que justifica a necessidade de ampliar o conhecimento científico sobre o assunto. A partir da suposta elevação da procura do serviço de mediação familiar devido a mudança da Lei, é preciso que os profissionais estejam cada vez mais capacitados para trabalhar na área e, por isso, é importante que dominem assuntos como amor, conjugalidade, mediação, separação e reconciliação, temas esses desenvolvidos ao longo da construção desse material.

Nessa linha de pensamento, verifica-se a importância de investigar os casais que estão insatisfeitos com a relação, por isso, procuraram a dissolução da conjugalidade através do divórcio em um serviço de mediação familiar. Em contrapartida, abandonaram o processo e resolveram se reconciliar. A partir disso, surge a seguinte pergunta de pesquisa: **Quais as justificativas para a reconciliação de homens e mulheres que desistiram da dissolução da conjugalidade durante o processo de mediação familiar?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral:

Compreender as justificativas para a reconciliação de homens e mulheres que desistiram da dissolução da conjugalidade durante a mediação familiar.

1.2.2 Objetivos Específicos:

- Identificar os argumentos para o êxito no relacionamento na concepção dos entrevistados.
- Caracterizar os motivos na opinião dos entrevistados para a reconciliação com o cônjuge.
- Identificar as crenças sobre as conseqüências da separação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONJUGALIDADE

A conjugalidade é um assunto bastante discutido em diversas obras literárias. (HEILBORN, 1992; MATOS, 2000; BOZON, 2004; FERES-CARNEIRO, 1998; OLTRAMARI, 2009). Heilborn (2004) expõe o conceito como uma relação que se estabelece a partir de duas pessoas, tendo um caráter de administração dos fatores envolvidos na vida sexual e amorosa dos mesmos. Matos (2000) fundamenta-se em Heilborn quanto a caracterização da conjugalidade, trazendo uma perspectiva que considera a vivência íntima entre o casal, destoando dos moldes tradicionais de família.

Matos (2000) aponta que é um espaço de troca, em que as ideologias, afetos e práticas acontecem de forma positiva. Nesta relação não há uma demarcação imutável dos papéis de cada um, é algo flexível e negociável. Purificacion Gomes (1992 apud OLTRAMARI, 2009) expõe que o amor tem sido o foco nas relações conjugais e muitos terminam os relacionamentos pela falta do sentimento, entretanto, buscam em outras relações o mesmo amor vivido anteriormente.

Dessa forma, as pessoas se tornam mais responsáveis pela manutenção ou fracasso das relações conjugais, pois, conforme Matos (2000), as relações estão pautadas em uma dinâmica de afetividade e não mais em valores tradicionais relacionados à família.

A afetividade acontece em um âmbito da intimidade, um espaço próprio do casal. Heilborn (2004) afirma que no início de uma relação, mais importante que sentir o amor é demonstrá-lo para a pessoa amada, pois possibilita a criação de um espaço particular a dois. A partir disso, é possível que se estabeleça uma relação de confiança, baseada no conhecimento da história de vida e maneiras de pensar de cada um. Giddens (1991) afirma que relações de confiança acontecem quando as pessoas não se baseiam em crenças e os riscos são considerados. Além disso, é

preciso que o casal dê credibilidade um ao outro para que a confiança possa se estabelecer enquanto ponto forte na conjugalidade.

A confiança é um fator considerado importante para o vínculo amoroso nos dias de hoje, em que segundo Feres-Carneiro (1998) a relação conjugal é marcada principalmente pelo desenvolvimento da autonomia de cada um, ao invés de promover a dependência entre ambos. Entretanto, a identidade conjugal, ou seja, a criação de um espaço de interação particular do casal é necessário. Portanto, ao mesmo tempo em que as necessidades individuais de cada um devem ser atendidas, há um desejo de experienciar a conjugalidade através de projetos em comum.

Essa dualidade pode ser responsável pela fragilidade das relações conjugais na atualidade discutida por Bauman (2004), pois da mesma forma que as pessoas querem vincular-se de forma segura, querem também manter os laços frouxos para outras ofertas mais interessantes que possam surgir.

Esses desejos conflitantes também aparecem na busca pelo amor na contemporaneidade, que de acordo com Oltramari (2009) procura-se um relacionamento que proporcione as aventuras de uma paixão junto com a segurança do amor. Há uma mistura do amor romântico influenciado pela idéia de paixão transmitida pelos meios de comunicação. A modernidade se encontra em uma fase de transição quanto ao tema conjugalidade. As pessoas permanecem com valores atrelados a um imaginário tradicional amoroso, misturados a novas concepções de relacionamento, formando, assim, uma diferente forma de agir e pensar sobre as relações conjugais.

2.1.1 Amor

O amor é um sentimento que ultrapassa o âmbito da intimidade, ele é público e está cada vez mais sendo discutido por diversos profissionais, que buscam entendê-lo ou até mesmo reparar amores imperfeitos. Esse sentimento tem um lugar de destaque na vida de muitas pessoas, devido a uma construção social, cultural e ideológica. (FREIRE-COSTA, 1998; FELIPE, 2007) Alguns autores fazem essa discussão, na tentativa de ampliar o conhecimento, apontando diversas perspectivas

de entendimento sobre o amor (GIDDENS ,1993; JABLONSKI, 1998; FREIRE-COSTA, 1998; ARAUJO, 2003; BAUMAN, 2004; ALVES, 2005; SOUZA, RAMIRES, 2006; FELIPE, 2007; NEVES, 2007; OLTRAMARI, 2009).

Como já referenciado, a conjugalidade atual é marcada pela busca de um sentimento misto de amor e paixão. Freire-Costa (1998) assim como Jablonski (1998) apontam que neste momento a sociedade apresenta demandas antagônicas quanto ao relacionamento amoroso, marcadas pelo desejo de viver de forma estável, monogâmica, mas ao mesmo tempo se deparam com os atributos de uma vida moderna, permeada pela permissividade e prazer ao novo.

Alves (2005) expõe que a mídia tem um efeito modelador sobre as expectativas em relação ao amor. A partir do que é transmitido como ideal nos meios de comunicação, seja um amor baseado no companheirismo ou em sensações de prazer, faz com que as pessoas olhem para seus relacionamentos e muitas vezes vejam que não está de acordo com aquilo que é passado como o satisfatório.

Dessa forma a mídia estabelece uma relação de poder, pois acaba mediando as pessoas sobre as formas de amar. O amor também é entrelaçado pelo poder, entendendo-o a partir da idéia de completude, discutida por Felipe (2007) e Freire-Costa (1998) na qual o sentimento é visto como indispensável para as pessoas se sentirem realizadas, preenchidas. Nesse sentido, pode-se ter uma dimensão do quão poderoso ele pode ser. Esta idéia pode fazer com que as pessoas abdicuem de muitas outras realizações de vida em virtude do amor. Conforme Felipe (2007), as mulheres são as que mais renunciam seus aspectos pessoais em virtude de um relacionamento amoroso. A respeito disso, Alves (2005) e Giddens (1993) atribuem às incumbências determinadas ao homem em uma esfera masculina do mercado de trabalho e a mulher ao mundo dos afetos.

Giddens (1993) assim como Neves (2007) e Felipe (2007) discutem a construção do relacionamento a dois marcado por questões de gênero. Neves (2007, p. 617) refere que “a dominação masculina incrustada nas práticas, nas estruturas e nos discursos sociais legitima a existência de um amor desequilibrado entre homens e mulheres”. Contudo, a emancipação sexual das mulheres, a partir da qual a sexualidade passa a ser tida como fonte de prazer e não mais sob um prisma reprodutivo auxilia em uma modificação dos conceitos sobre intimidade e amor.

As concepções sobre o amor se modificam ao longo dos tempos e, entendendo-o a partir dessa maleabilidade, Freire-Costa (1998, p.12) conceitua o amor como “uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida”. Esse conceito confronta a idéia de amor como um sentimento mágico, religioso e o traz para um plano real.

Explanando sobre um ponto de vista jurídico, Maria Berenice Dias (s/d) em seu artigo *Amor Proibido* problematiza as obrigações da justiça como a divisão de bens em relações de união estável. Afirma que tantas competências podem transformar a relação amorosa em um negócio, em que as pessoas decidem não se envolver com o intuito de prevenir responsabilidades. O tempo de relacionamento juntamente com o emaranhado financeiro que se forma ao longo desta união são aspectos que serão avaliados para verificar o que cabe a cada um no patrimônio. Nestas condições é que a justiça determina que bens adquiridos ao longo da relação devem ser divididos.

Relacionado ao amor, parece que o fim deste, tendo como conseqüência a separação, gera uma dívida como se a indenização por esta quebra de contrato aparentemente indissolúvel devesse acontecer (DIAS, s/d). O amor é um sentimento que deve ser compreendido a partir dos aspectos culturais e históricos, pois a manifestação do sentimento vai depender de onde e quando ele está situado. O tempo e espaço da atualidade pedem modificações no âmbito das relações interpessoais. (NEVES, 2007)

Conforme Alves (2005), o amor há décadas atrás era marcado por uma abdição de si em virtude do outro, análogo a relação de submissão da mulher ao homem. Hoje os livros de auto-ajuda estimulam um cuidado individual, em que primeiro deve-se amar a si para posteriormente amar ao outro.

Nesse sentido, o amor se aproxima do conceito de conjugalidade, como um espaço de troca em que os sujeitos são vistos em sua individualidade e unem-se para somar. Alves (2005, p. 88) expõe que “é um amor que surge entre duas personalidades necessariamente distintas e simultaneamente visa ao crescimento e ao cuidado para consigo próprio”.

Pode-se supor a partir do exposto, que as gerações seguintes tenham diferentes maneiras de se relacionar amorosamente, assim como as passadas tiveram. A modernidade, com seu caráter de individualismo e satisfação dos desejos pessoais, tende a influenciar nesse aprendizado. Supõe-se que as relações terão

cada vez mais um caráter que estimula as realizações pessoais de cada um, formando diferentes tipos de configurações conjugais e, portanto, familiares.

2.2 SEPARAÇÃO E RECONCILIAÇÃO

Os autores Andolfi et. al (1995); Cesar-Ferreira (2004); Gottman (2001); Maldonado (1995); Müller (2005); Pinto (2001); Souza (2006) e Zordan (2010) abordam a separação conjugal, compreendendo-a como uma experiência de vida que possui diversos motivos para que aconteça e variadas formas de lidar com a situação.

Segundo Gottman (2001) muitas teorias objetivam definir a causa principal para o divórcio. Há cientistas que apontam as transformações da economia agrária para um modelo industrial, que influencia em mudanças quanto a importância das relações familiares. Outras responsabilizam a facilitação do divórcio por meio da legislação. Há autores ainda que abordam a independência financeira das mulheres como fator fundamental e, há também aqueles que relacionam os índices de violência e desrespeito ao término da relação.

Entre tantas justificativas, Müller (2005, p.14) aponta alguns fatores típicos para o divórcio:

Parceiros de ambientes socioeconômicos, étnicos e religiosos diferentes, infidelidade feminina, características de inflexibilidade dos parceiros, não cederem nos ajustes da vida comum, vínculo fraco - falta de compromisso, não negociam, recursos de cada um, não ter filhos, ter um parceiro que substitua as funções do outro.

Na opinião de Zordan (2010), o que caracteriza as separações conjugais na contemporaneidade é o fato das pessoas estarem menos tolerantes aos conflitos, com menos paciência. Assim as relações duram cada vez menos. Este é o imediatismo característico da modernidade.

Segundo Maldonado (1995) a separação conjugal é apenas uma entre tantas separações e transformações sofridas ao longo da vida. Transformações que exigem adaptações ao um novo estilo de viver, uma revisão de valores e conceitos

sustentados ao longo de toda a existência dos cônjuges. Zordan (2010) aponta que as separações conjugais fazem parte do contexto histórico da sociedade, independente destas serem mais conflituosas ou não.

A respeito disso, Maldonado (1995, p.7) afirma que a maioria das relações conjugais terminam de forma conflituosa, pois “passam por sentimentos e ressentimentos muito violentos, no meio de dores, ódios, culpas e acusações”. Maria Berenice Dias (s/d, s/p) expõe que o divórcio apresenta um histórico em que aquele que solicitava o “desquite (não quites, isto é, em débito) perdia o direito a alimentos e ao uso do nome, pela simples iniciativa da ação”.

A culpa é algo que está presente neste processo de “dissolver a conjugalidade”, seja depositando no outro pela intenção do divórcio ou em si mesmo por algum outro acontecimento durante a relação. Rosner et. al (1928) caracteriza a culpa como um sentimento que vem acompanhado da penitência e salvação. Pessoas que se sentem culpadas por algum motivo tendem a pagar um preço pelo acontecido. Pensando sob este prisma, esta dificuldade em desvincular-se do cônjuge pode ser este “preço” que um membro do casal está pagando por sentir-se culpado. Contudo, não são todas as pessoas que decidem enfrentar o término da relação que se apresenta como insatisfatória. Muitos optam por manter o casamento, mesmo com uma infelicidade constante, permeada por sentimentos de ódio para com o cônjuge.

Há ainda aquelas pessoas que voltam a casar com o ex-cônjuge. Maldonado (1995) aponta que diversos fatores permeiam essa decisão, dentre eles sentimentos que se opõem como a vontade de voltar e o medo de que tudo permaneça igual, sem evoluções e mudanças. O vínculo entre o casal muitas vezes leva algum tempo para se romper, pois a indecisão de estar ou não junto faz com que haja muitas idas e vindas até que a decisão da separação se concretize. Maldonado (1995, p.272) complementa: “Há pessoas que se sentem muito confusas e indecisas, no conflito de pensar numa volta ou continuar onde estão e isso comumente motiva o adiamento da legalização da separação”.

Em relação a essa dificuldade em romper um vínculo amoroso, pode-se relacionar ao conceito de co-dependência exposto por Giddens (1993), no qual a pessoa precisa do outro para satisfazer às suas carências e poder se sentir autoconfiante. O relacionamento é definido por um elo, análogo a um vício, em que as pessoas ficam fixadas ao objeto (sujeito), pouco se diferenciam e o

relacionamento carece de limites que definam os espaços de cada um. A segurança é obtida somente através do outro e a descrição mais benigna apontada pelo autor para definir a co-dependência são os relacionamentos que se sustentam no hábito.

Desta forma uma ruptura no relacionamento para essas pessoas implica em rupturas quanto a maneira de se colocar no mundo, pois terão abalos psicológicos quanto a segurança e autoconfiança perante a vida. Souza, Ramires (2006) apontam que da mesma forma como pais e mães funcionam como um alicerce diante das dificuldades, os parceiros amorosos também representam muitas vezes uma base que promove segurança para lidar com as adversidades da vida. Essa instabilidade que a separação pode ocasionar torna a situação mais delicada e Andolfi et. al (1995) expõe que a maneira como cada pessoa irá lidar com processos de união e separação vai depender de como isso foi apreendido na família de origem.

Segundo Carter, McGoldrick et.al (1995) a terapia de casal auxilia os cônjuges a esclarecer questões pertinentes ao casamento e o motivo pelo qual o divórcio foi escolhido como solução diante dos conflitos. Ambos precisam reconhecer suas responsabilidades quanto a desintegração do casamento para que obtenham uma decisão bem refletida. Além disso, é proposto que as pessoas pensem sobre as possíveis conseqüências da separação e de que forma seguirão suas vidas neste novo ciclo. Outra possibilidade seria propor uma separação experimental com tempo determinado para que o relacionamento seja avaliado e posteriormente se possa decidir por prolongar mais a separação, reconciliar-se ou divorciar-se.

Os autores acima apontam ainda a mediação familiar como uma estratégia de intervenção em terapia de casal. Ao discutir todos os temas envolvidos no divórcio como a guarda dos filhos, visitação, divisão de bens, sustento das partes, entre outros, há um enfrentamento da realidade e põe em discussão a intenção de divorciar-se.

Carter, McGoldrick et. al (1995) relatam que em casos de separação a maioria das decisões não acontece mutuamente, ou seja, um integrante do casal deseja mais a separação do que o outro. As mulheres são as que mais reavaliam aspectos do casamento, acabam reconhecendo mais insatisfações e tendem a tomar a iniciativa de divorciar-se.

Em casos em que a ambivalência de desejos do casal relacionados ao divórcio se apresenta significativamente, o retorno à terapia pode acontecer para elaborar essas questões conjugais. Conforme Maldonado (1995), nestes casos há a desistência do processo de mediação familiar. O casal diante da possibilidade de separação, se vê tendo que romper com esse vínculo e com a inconstância causada pela indecisão. Essa situação não definida impede as transformações necessárias a uma nova etapa da vida do sujeito, seja ela estando junto ao cônjuge ou não.

Assim, os autores afirmam que a ambivalência está sempre presente e quanto maior o apego, maior a angústia de desfazer esse relacionamento. Há diversos sentimentos que permeiam este processo, como:

desamparo, falta de controle sobre os eventos da vida, sentimento de incompetência – social e sexualmente, perda, solidão, raiva, necessidades de dependência frustradas e problemas de identidade. A pessoa que iniciou a separação pode se arrepender e querer reconciliar-se, enquanto a outra pode ter começado a fazer terapia e reagir, e não estar disposta a correr o risco de tornar-se vulnerável novamente. (CARTER, MCGOLDRICK 1995, p. 295)

Em meio a essa situação pode haver muitas separações e reconciliações, sendo que metade dos casais se separaram pelo menos uma vez ao longo da relação (WEISS, 1975 apud CARTER, MCGOLDRICK, 1995). Assim como decidir se separar é um momento difícil, implica em fazer escolhas, carece de reflexão para optar por um caminho abrindo mão de outro, a decisão de voltar a casar com o ex-cônjuge também é um processo reflexivo. Conforme Maldonado (1995) provoca uma reavaliação das possibilidades e das expectativas quanto a essa relação. É preciso que se reconheçam os pontos falhos, assim como os pontos de união, verificar as necessidades de cada um e de que forma isto pode ser atendido no relacionamento conjugal.

As necessidades de cada um no relacionamento são fatores que podem interferir desde o momento da escolha do parceiro. Andolfi et. al (1995) afirma que essa escolha é influenciada muitas vezes por um mito familiar, que diz respeito a uma função a ser exercida dentro da dinâmica da família. O autor relata que quanto menos pontos de conflito a serem resolvidos nesse contexto, mais livre será a escolha do parceiro.

Nesse sentido, essa necessidade de ligar-se a uma determinada pessoa e a dificuldade de desvincular-se da mesma pode estar relacionada a um tipo de

influência permeada por um contexto familiar. Por isso, a decisão de separação é diversas vezes corrompida pela reconciliação.

A reconciliação acontece, então, primeiramente com o estabelecimento de um novo contrato de relacionamento, adaptado as propostas de cada um. Maldonado (1995) infere que a volta da relação pode ser ainda uma tentativa de melhorar a convivência. A crise se apresenta como uma forma de revitalizar o relacionamento, sair da rotina mesmo que por um pequeno espaço de tempo. Nesse momento os casais podem se redescobrir, notando qualidades do outro ainda não observadas ou adquirindo novos hábitos. A vivência da perda provoca mudanças nas pessoas, o que pode fazer com que desperte o interesse do outro em reatar o relacionamento.

2.3 MEDIAÇÃO

Moore (1998) aponta o conflito como algo presente nos relacionamentos interpessoais ao longo de toda a história da humanidade. Os conflitos podem advir de qualquer ordem ou motivo, contudo, freqüentemente acabam tendo um efeito nocivo em termos emocionais, físicos e financeiros para quem está envolvido nele. Com isso as pessoas buscam auxílio nas resoluções dos mesmos para que não haja um desgaste excessivo, a mediação pode ser uma alternativa nesse contexto.

Alguns autores dentre eles Moore (1998); Warat (2001); Macagnan, Ruiz (2009); Müller, Beiras, Cruz (2007) abordam questões relacionadas a mediação, trazendo a mesma idéia quanto ao seu conceito. Esta diz respeito à mediação como uma forma de resolução de conflitos em que as soluções são propostas pelas partes e há a mediação da conversa por um profissional a fim de chegar a um acordo satisfatório para os envolvidos.

Conforme Müller et. al (2007) não há a intenção de conflito judicial, no qual há ganhadores e perdedores e sim firmar um acerto que atenda as necessidades de ambas as partes como aponta Fonkert (1998). A mediação propõe a resolução de conflitos através de uma clarificação da comunicação, o que resulta muitas vezes na reorganização do ambiente familiar, já que as pessoas passam a compreender

posicionamentos antes não esclarecidos (BITTENCURT, 2009; BARTILLOTTI et. al, 2009)

Dessa forma, Fonkert (1998) afirma que o mediador deve se colocar de forma imparcial, como uma terceira pessoa neutra na relação que direciona a negociação com base nos conteúdos trazidos pelas partes, mas que não tem o poder de decisão sobre a situação.

Nesse sentido, acredita-se que em virtude das escolhas serem feitas pelos próprios cônjuges, há uma responsabilização maior quanto a situação a ser enfrentada. Moore (1998, p.30) complementa: “o compromisso das partes para implementar e aderir a um acordo será aumentado se tomarem elas próprias as decisões essenciais”. Em relação a essa tomada de decisão, Warat (2001) coloca que o foco da mediação não é o estabelecimento de um acordo e sim a problematização do conflito, de forma que possa ampliar a visão dos cônjuges nessa relação conflituosa.

De acordo com Breitman (2001), há algumas características necessárias ao papel do mediador. A primeira delas é a necessidade de o mediador ter uma boa comunicação, já que um dos principais fatores envolvidos nos conflitos é a falha na comunicação. O mediador deve se expressar com clareza, através de uma linguagem simples, o que inclui também prudência na proposição das alternativas. Carece também desenvolver a sua capacidade de empatia, para que possa compreender o sofrimento das pessoas conforme suas idéias e motivos.

Outro ponto que deve ser considerado é a necessidade de uma postura de acolhimento por parte do mediador. Este deve fazer seu trabalho entendendo a mediação como uma forma de assessorar as pessoas na concretização do divórcio causando menos prejuízos emocionais à família. Tem de respeitar as diferenças e oferecer soluções das mais diversas possíveis. (KRÜGER, 2009)

Em relação às competências necessárias ao mediador, há estudos como o de Salles (2004) que discutem a importância de se formar profissionais capacitados na área da mediação e também questiona quanto a formação acadêmica dessas pessoas que devem ser responsabilizadas por essa atuação. Moore (1998) pontua que devido a expansão do campo de atuação do mediador, alguns procedimentos para o aperfeiçoamento da prática foram necessários. Dentre essas medidas está a criação de um código de ética que orienta os profissionais quanto aos seus papéis e responsabilidades.

Uma mediação feita por profissionais capacitados podem surtir bons resultados. Conforme Bittencurt (2009) a mediação pode ter um papel preventivo aos conflitos, pois tende a evitar uma má administração deste, o que se pode atrelar a reorganização da comunicação e também pelo fato de as pessoas aceitarem melhor a situação já que tiveram oportunidade para discutir, esclarecer aspectos e escolher. A autora aponta que, em fase de separação, os casais tendem a não enxergar os pontos em comum e isto pode ser apresentado na mediação já que em algum momento um dos integrantes do casal, ou ambos terão de ceder ao que é proposto.

Diversos autores como César-Ferreira (2004); Breitman, Porto (2001); Moore (1998) reconhecem a comunicação como um importante fator a ser levantado na mediação familiar. Breitman (2001) fala da escuta ativa como uma técnica para a boa comunicação, que propicie àquele que fala se sentir ouvido e àquele que escuta um envolvimento e empatia com a história do outro. Moore (1998) coloca que o mediador deve estar atento às falhas advindas da comunicação quanto ao que é dito, o modo como é falado, quem comunica, quem recebe, em que momento esta mensagem é transmitida e principalmente a comunicação não-verbal. Esta é demonstrada através de gestos, que podem ser um contato visual, comportamento, maneira de sentar, sendo próximo ou não do cônjuge, etc.

Através desses aspectos o mediador pode conhecer melhor a relação conjugal dos mediandos, sendo um material importante que serve como auxílio no processo de mediação.

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE PESQUISA

O método foi qualitativo, o qual tem como proposta a apresentação de uma compreensão minuciosa dos significados e características situacionais mostradas pelos entrevistados. Por meio deste tipo de pesquisa se obtém dados descritivos com o contato direto e interativo do pesquisador na situação objeto de estudo. A compreensão dos fenômenos foi feita a partir da perspectiva dos sujeitos entrevistados, considerando a situação em estudo para que posteriormente houvesse a interpretação dos dados pesquisados.

Esta pesquisa teve como principal objetivo verificar quais as justificativas para a reconciliação de homens e mulheres que desistiram do processo de mediação familiar, caracterizando-se como uma pesquisa exploratória, pois permite uma maior familiaridade com o tema. Conforme Santos (2002, p.26), essa familiaridade quase sempre é obtida

pela prospecção de materiais que possam informar ao pesquisador a real importância do problema, o estágio em que se encontram as informações já disponíveis a respeito do assunto e até mesmo revelar ao pesquisador novas fontes de informação.

A pesquisa exploratória, segundo Gil (2002), geralmente se baseia em entrevistas com pessoas que passaram pela situação a ser estudada. Nesse caso, apresentou-se como o tipo de pesquisa mais apropriado, já que foram entrevistadas pessoas que se reconciliaram com o cônjuge.

O delineamento da pesquisa foi um estudo de campo, que propõe a realização de um estudo em que o pesquisador vivencie a experiência de coletar os dados junto com as pessoas que passaram pela situação a ser investigada.

Este tipo de método se adéqua a esta pesquisa, pois conforme Gil (2002) permite uma amplitude maior do que pesquisas delineadas em levantamentos de dados. Como o tema reconciliação não foi amplamente encontrado nas literaturas,

acredita-se ser necessária a ampliação do tema, com vistas a um aprofundamento maior do assunto.

3.2 PARTICIPANTES OU FONTES DE INFORMAÇÃO

O público alvo da pesquisa foram homens e mulheres que buscaram a mediação familiar no fórum do município de São José, com o intuito de se divorciarem, mas que ao longo do processo de mediação acabaram se reconciliando com seus cônjuges. Foram entrevistados quatro requerentes, ou seja, aqueles que procuraram o serviço de mediação, sendo dois homens e duas mulheres.

3.3 EQUIPAMENTOS E MATERIAIS

Para a realização dessa pesquisa foram utilizados um gravador de voz, pilhas, roteiro de entrevista impresso, papel e caneta.

3.4 SITUAÇÃO E AMBIENTE

Duas entrevistas aconteceram em um Fórum da Grande Florianópolis, utilizando as salas do serviço de mediação familiar, uma na UNISUL, Campus da Trajano, localizada no Centro de Florianópolis e a última na residência da entrevistada. Os locais das três primeiras entrevistas foram considerados adequados, pois em ambos houveram poucos ruídos e interrupções, sendo de fácil acesso para os participantes e para a pesquisadora. Quanto à entrevista que teve de ser realizada na residência da entrevistada, houve maiores dificuldades de acesso ao local. O fato desta não estar sozinha em casa, fez com que a pesquisadora solicitasse privacidade para a realização da entrevista.

3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado para a coleta de dados desse estudo foi uma entrevista individual, com roteiro semi-estruturado (APÊNDICE A), contendo questões norteadoras que buscaram atender ao objetivo central da pesquisa, que era compreender as justificativas para a reconciliação de homens e mulheres que abandonaram o serviço de mediação familiar.

Segue abaixo um quadro ilustrativo relacionando às questões da entrevista semi-estruturada que visam responder diretamente aos objetivos específicos:

| OBJETIVOS ESPECÍFICOS | QUESTÕES NORTEADORAS |
|--|--|
| Identificar os argumentos para o êxito no relacionamento na concepção dos entrevistados. | O que você acha importante, fundamental para o relacionamento amoroso se manter ao longo do tempo? |
| | Quais são os pontos positivos da relação de vocês? |
| Caracterizar os motivos na opinião dos entrevistados para a reconciliação com o cônjuge. | Você já esteve aqui no serviço de mediação querendo se separar do seu marido e depois resolveu ficar junto de novo. Que coisas fizeram você tomar a decisão de se reconciliar? |
| Identificar as crenças sobre as conseqüências da separação. | Como foi para você o período em que vocês resolveram se separar? |
| | Se fosse para você viver solteira novamente hoje. Como seria isso para você? |
| | O que você percebe sobre a vida pós-divórcio das pessoas que se separaram? |
| | Como você acha que teria acontecido a sua vida se você tivesse se separado? |

Quadro 2 - Roteiro de perguntas norteadoras da pesquisa

Fonte: Elaboração da autora, 2011.

Lakatos, Marconi (1991, p.197) afirmam que “na entrevista despadronizada ou não-estruturada o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada”. Além destas questões expostas, foram questionados pontos sobre a história do relacionamento, expectativas na relação, de

que forma o sujeito define seu relacionamento e outros fatores da história pessoal de vida do indivíduo também surgiram ao longo da conversa.

Nesta pesquisa, por serem questionados aspectos da história de vida que fazem parte de um âmbito da intimidade como o relacionamento amoroso, a relação ética foi um ponto devidamente considerado. Segundo Lüdke e André (1986) a relação ética é um aspecto fundamental na validade da pesquisa qualitativa, a partir de uma relação de confiança proporcionada pelo pesquisador aos entrevistados desde o primeiro contato.

A partir do primeiro contato telefônico com os entrevistados, foram esclarecidos os objetivos da pesquisa, pontuando que a participação era voluntária e que a pessoa teria total liberdade para decidir participar ou desistir a qualquer momento da entrevista.

Utilizou-se o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B), afirmando o comprometimento ético do pesquisador com o entrevistado e o assegurando de que sua identificação seria resguardada.

3.6 PROCEDIMENTOS

3.6.1 Seleção e contato com os participantes

A mediação familiar especificamente de um Fórum da Grande Florianópolis, é dividida em três etapas, sendo a primeira de triagem, que consiste numa coleta de informações iniciais com o requerente (pessoa que procura o serviço), a segunda é chamada de pré-mediação, na qual há uma conversa com cada cônjuge separadamente e a terceira é a mediação que são encontros entre o casal, em que a conversa é intermediada pelo mediador.

Ao longo desse processo, muitas pessoas abandonam o serviço por diversos motivos e suas fichas são arquivadas em uma pasta denominada “Abandono”. Mas quando o motivo da desistência é a reconciliação, as fichas são arquivadas em uma pasta específica nomeada “Abandono por reconciliação”. O acesso a essa pasta permitiu que se adquirissem as informações necessárias

contidas nas fichas de triagens como telefone e endereço das pessoas de interesse para a realização das entrevistas.

A proposta inicial era a de selecionar os participantes pela data em que estiveram no Fórum, priorizando os casos mais recentes, mas diante da dificuldade em dispor de telefones para a marcação das entrevistas, aqueles que tinham telefone fixo ou telefone celular que possibilitavam ligações com baixo custo financeiro foram os escolhidos.

Muitos telefones contidos nas fichas de triagens apresentaram-se como números inexistentes ou indisponíveis. Outros, não foi possível contato pelo fato de as pessoas não atenderem ao telefone ou não estarem em casa quando se ligava para telefones fixos. O número de possíveis entrevistados diminuiu muito por essa dificuldade no acesso e, a partir disso, decidiu-se fazer uma busca pelos motivos que levaram as pessoas a desistirem da mediação, estes classificados como casos de “Abandono”, sem qualquer justificativa inicial.

Esta estratégia para selecionar novos entrevistados já havia sido considerada anteriormente, já que o número de casos identificados como *Reconciliação* era praticamente o mesmo que a entrevistadora pretendia abordar. Sabe-se que muitos casais que abandonam o serviço de mediação familiar sem justificativa prévia, há a possibilidade destes terem se reconciliado.

O primeiro passo para a busca de novos participantes foi selecionar as fichas de triagens arquivadas na pasta “Abandono”, priorizando os casos em que o casal tivesse participado de mais de um encontro além da queixa inicial nomeada de triagem, em seguida, selecionando novamente aquelas em que havia a possibilidade de fazer contato por meio do telefone fixo. De dezesseis fichas, dez não foi possível estabelecer nenhum tipo de contato, seja com a própria pessoa ou alguém da família. Seis dessas conseguiu-se questionar o motivo da desistência da mediação familiar, dentre esses: dois foram encaminhados para o litigioso, dois divorciaram-se por meio de um advogado particular e dois casos houve reconciliação.

A partir deste dado fornecido pelas pessoas que se reconciliaram, foi explicitado às mesmas, a realização da pesquisa bem como o objetivo proposto e se havia o interesse em participar desta. As duas mulheres concordaram e solicitaram que a entrevistadora ligasse em outro momento para definirem um horário apropriado. Entre essas participantes, uma foi entrevistada (S4) e a outra não compareceu no horário marcado.

Dois entrevistados (S1 e S2) foram selecionados a partir das fichas de triagens iniciais. Quanto a S3, a pesquisadora em suas atividades de estágio, na mediação familiar, foi quem realizou a triagem do mesmo que estava em busca do divórcio. Em meio ao atendimento, o requerente perguntou se após iniciado os encontros de mediação havia a possibilidade de desistência, caso conversasse com sua esposa e resolvessem tentar de novo. A partir dessa fala do entrevistado, a pesquisadora se atentou a uma possível reconciliação. Quando S3 não compareceu ao serviço, ligou-se para o mesmo buscando saber o motivo da falta. Este afirmou que havia conversado com sua esposa, decidindo ficarem juntos novamente, então foi convidado a participar da pesquisa.

Em todas as ligações telefônicas houve o estabelecimento do rapport, explicitando os objetivos da pesquisa, informando o uso de gravador de voz e esclarecendo que esta seria realizada por livre e espontânea vontade do participante.

3.6.3 Coleta e registro dos dados

Os dados foram coletados com a utilização de gravador de voz e com o auxílio de um roteiro de entrevista semi-estruturado, que objetivaram nortear a realização da entrevistas. Este tipo de entrevista permitiu uma liberdade para a pesquisadora incluir questões que considerou pertinentes ao longo da entrevista. Estas foram posteriormente transcritas para o computador.

Foram agendadas ao todo sete entrevistas, desconsiderando as alterações de datas em virtude das preferências dos sujeitos, sendo que três desses não compareceram a data e o local agendado com a pesquisadora. Estes que não se apresentaram para a entrevista conforme combinado previamente, não houve outras tentativas para a remarcação entendendo a dificuldade de horários e até mesmo uma recusa de expor assuntos relacionados a intimidade.

3.6.4 Organização, tratamento e análise de dados

As entrevistas foram analisadas por meio da análise de conteúdo que segundo Lakatos, Marconi (1996, p.77) busca “extrair generalizações com o propósito de produzir categorias conceituais que possam vir, a ser operacionalizadas em um estudo subsequente”.

Formularam-se as categorias *a posteriori*, ou seja, após a realização das entrevistas, foram definidas categorias e subcategorias que mais se enquadraram de acordo com a fala dos participantes. Estas foram analisadas com o intuito de atender aos objetivos da pesquisa, sendo fundamentadas conforme o referencial teórico produzido neste projeto.

Abaixo seguem as tabelas que ilustram as categorias e subcategorias definidas:

TABELA A – CATEGORIZAÇÃO DE ANÁLISE- CAPÍTULO ÊXITO

| ÊXITO |
|--|
| Categorias: |
| Respeito |
| Fidelidade |
| Diálogo |
| Crenças sobre Relacionamento Conjugal |

Fonte: Elaboração da autora, 2011.

TABELA B – CATEGORIZAÇÃO DE ANÁLISE- CAPÍTULO RECONCILIAÇÃO

| RECONCILIAÇÃO |
|--------------------------------------|
| Categorias: |
| Filhos seguram casamento sim! |

| |
|--|
| Não quero separação, quero mudança! |
| Dependência financeira |
| “Se não gostasse não voltava” |
| Características do (a) Parceiro (a) |

Fonte: Elaboração da autora, 2011.

TABELA C- CATEGORIZAÇÃO DE ANÁLISE- CAPÍTULO SEPARAÇÃO

| SEPARAÇÃO | |
|--------------------------------|---|
| Categorias: | |
| Ambivalência | Subcategoria: Separação: hoje não, amanhã quem sabe. |
| Desconfiança | |
| Os separados | |
| Eu separado | |
| O financeiro se destrói | |

Fonte: Elaboração da autora, 2011.

4. RESULTADO E ANÁLISE DE DADOS

SUJEITO DE PESQUISA 1:

| | |
|--|------------------------|
| Identificação: | S1 |
| Sexo: | Feminino |
| Idade: | 46 |
| Grau de Escolaridade: | Fundamental Incompleto |
| Profissão: | Doméstica |
| Tempo de Casamento: | 27 anos |
| Idade que se casou: | 18 anos |
| Recasamento: | Não |
| Nº de filhos do casamento atual | 3 |

Quadro de identificação Sujeito 1.

Fonte: Elaboração da autora, 2011.

História do Casal 1:

O casal se conheceu por meio na Igreja Evangélica, namoraram um tempo, S1 engravidou e resolveram se casar. A história do casal é permeada por traições da parte do marido, o que gerou um sentimento de desconfiança na esposa. S1. suportou por um tempo a infidelidade, mas quando esta se apresentou de forma exacerbada, ela decidiu pedir a separação. Neste tempo em que estiveram separados, S1 pode refletir sobre o relacionamento dos dois e A. se mostrou disposto a tentar se relacionar de forma diferente. Então, resolveram tentar mais uma vez.

SUJEITO DE PESQUISA 2:

| | |
|-----------------------|-----------|
| Identificação: | S2 |
| Sexo: | Masculino |
| Idade: | 50 |

| | |
|--|------------------------|
| Grau de Escolaridade: | Fundamental Completo |
| Profissão: | Supervisor de Produção |
| Tempo de Casamento: | 27 anos |
| Idade que se casou: | 35 anos |
| Recasamento: | Sim-3 |
| Nº de filhos do casamento atual | 2 |

Quadro de identificação Sujeito 2.
Fonte: Elaboração da autora, 2011.

História do Casal 2:

A relação do casal é permeada por desentendimentos que resultam em uma interrupção da comunicação, que se estabelece apenas quando o assunto diz respeito a criação dos filhos. Quando as brigas acontecem, a separação já é rapidamente cogitada, o que fez com que procurassem auxílio para o divórcio de fato 3 vezes, mas ao retomarem o diálogo decidem tentar mais uma vez.

SUJEITO DE PESQUISA 3:

| | |
|--|--------------------|
| Identificação: | S3 |
| Sexo: | Masculino |
| Idade: | 28 |
| Grau de Escolaridade: | Médio Completo |
| Profissão: | Segurança de boate |
| Tempo de Casamento: | 7 anos |
| Idade que se casou: | 23 anos |
| Recasamento: | Sim-1 |
| Nº de filhos do casamento atual | 1 |

Quadro de identificação Sujeito 3.
Fonte: Elaboração da autora, 2011.

História do Casal 3:

O casal esta junto há 7 anos, tem uma filha de três anos e oito meses e outra falecida por complicações em parto prematuro. S3 tem duas filhas de outro casamento, assim como sua esposa tem outro filho. A esposa havia omitido uma história pessoal de vida e quando este segredo foi revelado S3 decidiu pedir a separação. Avalia que este pedido foi precipitado, pois estava nervoso diante da situação. Após conversarem sobre o motivo que levou S3 a pedir a separação, o casal resolveu ficar junto novamente.

SUJEITO DE PESQUISA 4:

| | |
|--|------------------------|
| Identificação: | S4 |
| Sexo: | Feminino |
| Idade: | 46 |
| Grau de Escolaridade: | Fundamental Incompleto |
| Profissão: | Do lar |
| Tempo de Casamento: | 27 anos |
| Idade que se casou: | 17 anos |
| Recasamento: | Não |
| Nº de filhos do casamento atual | 2 |

Quadro de identificação Sujeito 4.
Fonte: Elaboração da autora, 2011.

História do Casal 4:

Decidiram se casar quando S4 tinha 17 anos, pois esta engravidou e desde então estão juntos há 27 anos. Ela é dona de casa e ele é caminhoneiro de uma banda de música. S4 procurou o serviço de mediação, pois na época estava desconfiada de que seu marido a tivesse traído. Refere que não se separou pois o valor de pensão que lhe teria sido proposto ser inferior ao que acredita merecer, por todos os anos de casada. Avaliou que seria melhor pensar mais um pouco e ficar

junto ao seu marido. Aponta que o dia em que descobrir uma traição de fato, está disposta a ganhar qualquer valor de pensão, mas irá se separar.

4.1 ÊXITO

Identificar os argumentos para o êxito no relacionamento na concepção dos entrevistados.

Este capítulo foi criado com o intuito de responder ao primeiro objetivo específico descrito acima. Para isto, foi necessário questionar aos entrevistados, o que consideram fundamental para que a relação perdure, ou conforme nomeado neste capítulo, para que obtenham o “Êxito” na relação. Entende-se que não há um modelo correto que indique o êxito na relação. Pensar desta forma, seria corroborar com o modelo ideal passado pelos meios de comunicação discutido anteriormente na problemática deste trabalho. Mas o propósito neste capítulo é fazer esta discussão compreendendo as particularidades, os diversos entendimentos desse êxito. Para tanto, os dados foram apresentados partindo das diversas definições dadas pelos sujeitos dessa pesquisa. A partir das respostas obtidas, foram desenvolvidas as seguintes categorias: **Respeito, Diálogo, Fidelidade e Crenças sobre Relacionamento.**

4.1.1 Respeito

Os quatro entrevistados apresentaram o respeito como fundamental para o relacionamento perdurar, entretanto, não houve hegemonia quanto às definições. Os significados atribuídos a palavra respeito se entrelaçaram com fidelidade, não desvalorização do outro, alteridade, saber conversar, entre outros.

Os dados encontrados corroboram com a pesquisa feita por Jablonski (1996), citada por Perlin (2006), que buscou saber o que faz o casamento durar.

Nesta pesquisa, as pessoas que já viveram uma conjugalidade responderam que o respeito está em primeiro lugar para a manutenção do casamento.

A primeira entrevistada desta pesquisa define respeito como: *saber conversar, não berrar, entender a pessoa, não magoar, se doar um pouco, se colocar no lugar do outro, se preocupar se ofende ou não ofende, tentar enxergar mais o outro (S1)*. Nesta definição se destaca a necessidade de S1 de haver compreensão na relação. As falas “*se colocar no lugar do outro, tentar enxergar mais o outro*” podem ser relacionadas a um exercício de alteridade, necessária para se viver a conjugalidade da forma como se apresenta na contemporaneidade. Feres-Carneiro (1998) discorre sobre a vivência da conjugalidade sem deixar de lado as individualidades. Relacionar-se, construir projetos em comum, sem a anulação do outro e sim o auxiliando no desenvolvimento da autonomia. No caso de S1, parece haver um desejo de ser compreendida em sua particularidade, quanto ao seu jeito, sentimentos e essa compreensão é definida pela entrevistada como respeito.

O segundo entrevistado (S2) caracteriza o respeito como uma não desvalorização, um reconhecimento do limite e desejos do outro:

não ficar menosprezando, falando porque tu és uma burra, não sabe disso, não sabe daquilo. Respeitar a vontade dela e ela respeitar a minha. Que nem hoje estamos brigamos assim, eu tenho a minha vontade e ela ta respeitando. Acho que ficar batendo na tecla e falando porque tu fez isso, ou não fez, porque tu não vais procurar as coisas, aquilo não vai...porque vai chegar uma hora em que eu vou chegar pra ela e dizer vamos acabar com isso e vamos continuar?

Além disto, S2 e S4 definem respeito atrelado à fidelidade. A partir da fala de S4, parece haver uma descrença na fidelidade masculina, ou uma generalização dos comportamentos masculinos, mas apesar disto, acredita que este é um ponto fundamental para se viver bem:

Respeito é saber respeitar a mulher, assim na coisa de...Esse negócio, hoje homem nenhum respeita mulher com esse negócio de outra mulher. E eu acho que pra viver bem tem que respeitar os dois lados (S4)

S2 além de caracterizar respeito como fidelidade atribui a este o motivo de reconciliações:

E daí não cria aquele clima, hoje brigou ai vai lá e pega outra pessoa, ou sai pra fazer uma vingança, ai é porque acabou mesmo. E quando existe o respeito, pensa não vou ficar, ver o que vai acontecer e vai até o final, acaba sempre tendo uma chance de recomeçar, porque tem respeito pela pessoa, não foi procurar ninguém. Ai acaba se reconciliando porque teve o respeito pela pessoa.

O sujeito apresenta um relacionamento repleto de “idas e vindas” e a partir disso pode-se pensar que função o respeito tem nesta relação. Parece que neste caso, o respeito é um aspecto importante não só para o êxito no relacionamento, mas para que a separação de fato não aconteça. O trecho: *sai pra fazer uma vingança, ai é porque acabou mesmo* indica que o relacionamento vai acabar se houver traição, mas enquanto isso se pensa desta forma: *Quando a pessoa tem respeito ai vai longe (S2)*.

A fidelidade no relacionamento conjugal, por ter sido referida diversas vezes tanto vinculada às definições de respeito, quanto como um aspecto para o êxito na relação, será abordada de forma específica na categoria seguinte.

4.1.2 Fidelidade

A fidelidade apareceu em três entrevistas realizadas como indispensável para o êxito na relação e para iniciar a análise nesta categoria, destaca-se o que Bundt (2007) aborda sobre o tema:

A exigência da fidelidade nasceu como uma necessidade de um sistema patriarcal antigo que visava assegurar ao homem a paternidade de sua prole. Por muitos anos, a mulher era a responsável por esta virtude, deixando o homem livre para espalhar sua semente por onde lhe aprofesse.

Nesse sentido, a infidelidade masculina era tolerada nesta sociedade patriarcal, o que já se modifica com a reivindicação de igualdade entre os sexos, em

que as mulheres se sentem no direito para exigir também fidelidade além de outros aspectos no relacionamento (BOZON, 2004).

S1 considera que a infidelidade em si não é o único problema e sim o início de vários outros: *a fidelidade é uma base para o casamento. Partiu para a infidelidade aí já começa os problemas.* Um problema advindo da traição referido por S1 é a falta de atenção à família: *ele me traiu e depois já não dava mais atenção à família.* A traição foi suportável pela mesma durante certo tempo: *com o tempo ele foi traindo, aprontando e eu fui relevando,* mas a falta de atenção à família talvez seja algo mais relevante para que o casamento acabasse.

Conforme Almeida (2007), algumas pessoas são mais tolerantes e acabam recuperando a confiança do cônjuge provavelmente após este manifestar motivos de que a infidelidade não se repetirá. Parece que com S1 aconteceu desta forma: *Comigo, no trabalho, na hora que ele sai e que ele volta, quando tá em casa. Sempre. Sai de manha, sai comigo para trabalhar e volta à tarde, no horário que acaba, qualquer lugar que ele vai ele avisa. A confiança voltou né, isso ai já foi muito bom.* Ainda segundo o autor, há pessoas que não conseguem conviver com a idéia de infidelidade pelo (a) companheiro (a). S4 expõe:

mulherengo ele não é. Ele é gazola. Se aaacha o gostoso. Entendeu? E a mulherada cáí por cima...Porque a mulher da em cima e ele não perde a chance de dar em cima da mulher. Isso ai eu não aceito, porque eu tenho 27 anos de casada e sou uma pessoa que nunca fiz nada na minha vida. Então isso ai eu não aceito. Se a mulher da em cima dele ele não vai perder a chance...Tem conversas assim que eu não aceito, às vezes a mulher: ah fulano, taratata e ele: ah tu é gata, tu é gostosa, tu é isso, tu é aquilo. E nessa matéria eu já não gosto, não aceito isso ai, porque eu não so assim de conversar assim. Como tem esses msn, esses Orkut, essas coisa. Dali que vem as coisas. E eu não aceito isso. Não aceito.

S4 parece fazer uma diferenciação entre trair e dar em cima, mulherengo seria o que entende por aquele que é infiel e gazola não chega a concretizar a traição. Nesse sentido, problematiza-se o que é ser traída para esta mulher. Há diferentes formas de lidar com traições e diferentes perspectivas do que é trair. Há aqueles que consideram conversas através da internet como traição, o que não parece ser o caso de S4. Esta relata que reconhece o jeito do esposo, mas não

aceita. Apesar de não aceitar, não acredita que isto é motivo para a separação. S4 deixa clara esta idéia quando afirma:

mas no momento que ele aprontar pra mim terminou. Terminou. Que eu descobrir terminou. Isso eu quero que ele ate saiba, porque pra mim terminou mesmo. Ele ate sabe, mas acha que é mentira. Terminou. Eu quero só dele que ele seja uma pessoa honesta em matéria de mulher. Que eu não aceito.

S4 expõe esse assunto de forma bastante incisiva, o que diferencia da fala do entrevistado homem (S2) quando refere: *E daí não cria aquele clima, hoje brigou aí vai lá e pega outra pessoa, ou sai pra fazer uma vingança, aí é porque acabou mesmo.* Feres-Carneiro (1998) explana que devido a traição masculina ser mais aceita por todo o contexto cultural do que a feminina, os homens muitas vezes lidam de forma mais serena do que as mulheres. Esta afirmação é apenas uma suposição partindo de uma diferenciação da forma como o entrevistado homem e a entrevistada mulher expuseram suas opiniões acerca da infidelidade. Entretanto, não se pode afirmar que diante da infidelidade de seus cônjuges, os entrevistados teriam uma reação equivalente a suas falas.

De qualquer forma, independente das diferenciações de gênero e possíveis formas de lidar nestas situações, a fidelidade foi exposta pelos entrevistados como um fator preponderante para que a relação perdure.

4.1.3 Diálogo

Em três das entrevistas realizadas, os sujeitos apontam a importância do diálogo na relação e o consideram fundamental para que a relação perdure. O diálogo aqui será compreendido como uma comunicação entre o casal e será referido também desta forma.

S1 coloca a importância do diálogo na relação sob uma perspectiva de troca no momento em que fala: *Eu acho que em primeiro lugar é o diálogo né, não tem que ser só um, tem que ser os dois né.* Matos (2000) aborda a conjugalidade como

um espaço de troca, em que as pessoas podem interagir de forma positiva. Neste sentido, S1 parece considerar a necessidade de construir um relacionamento em que ambos tenham espaço para se colocarem na relação.

Apesar de S2 considerar o diálogo importante para o desenvolvimento do relacionamento, este relata diversas situações em que as discussões do casal resultaram em uma interrupção da comunicação, ou seja, não havendo diálogo. Nesta fala podemos verificar a maneira como S2 se coloca na relação:

Eu sou muito reservado, não falo nada e me aquieto. Às vezes esse silêncio pode ser que faça muito mal para o outro, mas também me faz bem, porque fico em silêncio ai acabo não discutindo, não dando ouvido pro que o outro fala e a gente acaba não brigando. Só que isso também atrapalha um monte, porque ai ficamos 2, 3 meses sem falar. Agora no momento faz um mês que a gente não conversa mais. A gente vive na mesma casa e não conversa.

Neste caso, especifica-se a ausência de comportamento verbal, pois se entende a impossibilidade de “não se comunicar”. O ato de não falar já transmite alguma mensagem, pois a comunicação é entendida além da transmissão de informações, é definida também, como um comportamento em si. (WATZLAWICK, BEAVIN, JACKSON, 1967)

S2 reconhece nesta fala que o seu modo de ser e agir perante as brigas, pode causar algum mal a sua companheira, mas mantém seu comportamento. A briga acontece, a comunicação é interrompida e em algum momento o silêncio é rompido e retomam o relacionamento conforme S2: *Normalmente a gente fica uns meses sem conversar e depois volta ai fica um tempão, passa um ano, dois, sem acontecer mais nada, fica tudo tranqüilo, bem. Ai acontece de novo, ficamos mais um mês, dois.*

Neste caso, pode-se pensar a importância de se falar sobre os problemas, que os conflitos possam ser verbalizados, para que as pessoas evitem repetir os mesmos erros nas situações. Isto pode ser relacionado ao conceito de assertividade, exposto por Filho (2003), em que a falta de habilidade social prejudica as relações interpessoais e a dificuldade na comunicação é uma dessas “faltas”.

A partir da fala de S2: *eu prefiro não conversar, conversar só o necessário*, pode-se problematizar o que seria o necessário para cada um nesta relação. A partir do que ele relata, a esposa de S2 reclama de seu jeito fechado e por não querer discutir. Neste sentido, entende-se que o necessário para ela seria discutir mais do que realmente acontece.

Na entrevista de S3, o diálogo aparece no sentido de sinceridade: *fiz uma coisa de errado e ah não vou contar porque ela não vai saber, ele não vai saber. Uma hora sempre sabe, não pela sua boca, mas pela boca de outros*. O sujeito afirma a necessidade de revelar acontecimentos da vida e pessoais ao outro, sendo a sinceridade referida várias vezes durante a entrevista. As falas do sujeito parecem demonstrar conceitos criados a partir do que foi vivido recentemente. A sinceridade para ele se apresenta de forma relevante, visto que este associa a falta de sinceridade da esposa em situação declarada à pesquisadora. A fala de S3 confirma a desilusão sofrida em relação a essa quebra no “contrato de sinceridade”: *A C. pra mim antes tava num pedestal, depois daquilo ali, aquela redoma de vidro pra mim quebrou, poxa ela tava sendo tão sincera comigo*.

A partir da análise, parece que a falta de sinceridade fez com que S3 considerasse a imperfeição não vista anteriormente em sua esposa: *Porque eu colocava ela num pedestal, eu assim: po eu achei a mulher perfeita pra mim. Só que acho que não existe, pessoas perfeitas. Como eu, você, outra pessoa, acho que tem sempre uma coisinha que quebra essa imperfeição*. O conceito de perfeição, carmetade, apontado por Felipe (2007) parece se apresentar nesta relação, estabelecendo o ideal de amor romântico em que existem “pés tortos para sapatos velhos”. A idéia de encaixe faz com que as pessoas se coloquem em uma posição idealizada, a qual erros não são permitidos.

Talvez o fato de a esposa de S3 não ter revelado anteriormente o acontecido, se deva justamente pelo receio que “quebrar essa redoma de vidro”, se mostrando como alguém com dificuldades. S3 avalia que a relação melhorou após a revelação do acontecimento vivido entre o casal: *Agora depois que a gente teve essa conversa, depois desse fato que ocorreu tá bem melhor agora*. A partir disso, supõe-se que haja uma permissividade maior nesta relação para erros e conseqüentemente para acertos. Poder mostrar o que realmente se é, faz com que a sinceridade tão almejada nesta relação possa acontecer.

Verifica-se que apesar de os entrevistados considerarem o diálogo como fundamental para o êxito no relacionamento, referiram situações que indicavam a falta deste aspecto em seus próprios relacionamentos. A concepção de que em uma relação a dois precisa haver comunicação parece ter sido criada sob uma necessidade vivida pelos sujeitos desta pesquisa.

4.1.4 Crenças sobre Relacionamento Conjugal

Esta categoria foi criada como forma de auxiliar no entendimento dos argumentos apresentados pelos entrevistados para o êxito nas relações. Para iniciar a discussão, primeiramente é necessário entendermos o que é crença, para posteriormente verificarmos de que forma ela se apresenta nas relações conjugais.

O conceito de crença tem sido definido a partir de aspectos religiosos, cognitivos e pessoais (DALLOS, 1996 apud WAGNER et.al., 2005). Neste conceito está inserida uma série de interpretações e premissas com relação àquilo que se considera como certo. Além disso, o que alicerça a crença é um componente emotivo acerca do que deve ser certo. Por exemplo, é possível que em uma família exista a crença de que "somos uma família unida". Essa crença contém a premissa de que tal afirmação é certa e também está implícito o quanto se considera desejável que seja assim. Desafiá-la ocasionará uma reação de defesa pelos demais membros da família (WAGNER et.al., 2005. p. 31).

A crença é um conjunto de fatores que diz respeito ao que é certo e errado que indica o que se deve ou não fazer. Estar ou não de acordo com a crença faz parte da dinâmica familiar e até nesse sentido se estabelece o que vale a pena ou não estar de acordo. A decisão de assumir ou contestá-las tem suas significações particulares e independente da forma como ela se apresenta, faz parte de uma identidade familiar (WAGNER et.al., 2005).

A crença sendo entendida como algo que vai direcionar as ações em diversos âmbitos da vida das pessoas, se reflete também nos relacionamentos conjugais. As pessoas criam pensamentos, afirmações para sustentar suas ações. Nas entrevistas realizadas, os sujeitos ao serem questionados sobre seus relacionamentos expõem concepções criadas a partir do que foi apreendido, vivido.

S1 foi levada a pensar em uma palavra que definisse seu relacionamento e a partir da resposta refere:

Sim eu tenho certeza de que tudo voltou na ordem. Muitas vezes a gente não quer sofrer, mas muitas vezes a gente tem que sofrer pra conseguir as coisas tudo certo. Sofrer que eu digo é ter paciência, agüentar, suportar. Muitas mulheres hoje não têm aquela paciência, é deu e acabou.

A paciência referida por S1 como necessária para que os relacionamentos perdurem, é também mencionada por Zordan (2010), em que atribui às separações conjugais na contemporaneidade à falta de tolerância e paciência diante dos conflitos. Mas além desta referência, a história de vida exposta por S1 tem influência sobre a construção desta crença de que o sofrimento é necessário. S1 expõe:

Pra mim foi sempre assim sempre pequena. Eu cresci desde pequena em um lar muito tumultuado, muito horrível. Muito ruim assim sabe, sempre foi difícil ,apesar de que eu vou levando, vou tolerando, tolerando ai uma hora assim que acabou acabou. A minha infância foi bem complicada...mãe, pai...o pai abusava, essas coisas assim sabe. Ai tentava pedir ajuda pra mãe, ela não dava importância. Ai foi isso, eu era pequena, 5,6 anos, ai foi crescendo aquilo sabe? Ai eu aprendi a...eu me fechei...eu era uma pessoa muito fechada. Ainda sou uma pessoa muito reservada.

S1 aprendeu a tolerar, a ter paciência, já que pedir ajuda a mãe pelo abuso do pai não adiantava. Conforme Rosset (2007, p. 66), os padrões de funcionamento são formados no núcleo familiar, são formas de agir perante as situações, se configurando como mecanismos que serão usados em diversas situações ao longo da vida. O padrão se constrói através “do que é dito e do que não é dito, das normas explícitas e das regras que são passadas de forma sutil, nos olhares, nos toques, nas palavras e atos”. Isto tem implicações nas escolhas, ações e reações, formas de compreender e se relacionar.

S1 criou um padrão de comportamento a partir da história familiar que se manifesta no relacionamento atual. Em diversos momentos da entrevista S1 revela falas que conotam esse padrão:

foi indo...acumulando, acumulando...ai vai indo, vai indo, vou levando, vou tolerando, tolerando...o tempo foi passando, passando, passando...Ai a gente vai levando, levando...fui relevando...foi indo, indo, indo todos esses anos...Ai foi indo...foi rolando, rolando...a gente vai se arrastando, se arrastando.

É desta forma que S1 se comporta: *aprendo a conviver com isso, mas não gosto.* O sofrimento faz parte da vida de S1 desde a sua infância e o apreendido foi sofrer em silêncio: *eu muitas vezes chorava sozinha...toda vez que eu me magoava, que as coisas aconteciam eu entrava no quarto, chorava, desabava e pronto.* Conforme Imber-Black et.al (1994 apud WAGNER, 2005) quando a cultura familiar não aceita determinados acontecimentos, os segredos se formam com o objetivo de esconder o que não obedece aos padrões familiares e aos tabus mantidos entre as gerações.

Neste caso, o abuso sexual se consolidou como um segredo, em que a revelação deste implicaria em desconstruir a idéia de uma família religiosa, que frequenta a Igreja Evangélica, com princípios e valores morais.

Na perspectiva do entendimento estrutural da família, os segredos também criam ou reforçam limites e fronteiras dentro do sistema familiar, bem como, entre a família e o meio social. Por exemplo, uma relação incestuosa secreta (de abuso sexual) entre pai e filha, que cria um limite entre a filha e a mãe, distanciando-as, justamente em um momento em que a filha necessita a proteção da mãe (WAGNER, 2005 p. 36).

O segredo limita a circulação de informações dentro do grupo e pode prejudicar a comunicação em diversos âmbitos até bem distantes do assunto original. A distorção ou omissão dessas informações faz com que quebre um círculo de confiança, pois mesmo que o segredo se mantenha velado, os sentimentos relacionados a ele não podem ser apaziguados (WAGNER, 2005).

Desta forma, a dificuldade de comunicar-se com seu marido e falar sobre o que não lhe satisfaz, agüentando tudo o que vive parece estar relacionado com as experiências vividas em seu núcleo familiar. A quebra no círculo de confiança pelo que foi escondido através do segredo e a falta de proteção da mãe podem originar sentimentos em S1 que se refletem diretamente no relacionamento conjugal.

Outra crença que pode ser abordada foi definida por S3: *A gente na verdade é igual a planta, todo dia tem que regar pra não morrer. Mesma coisa o casamento. A gente não pode deixar apagar o que a gente sentiu.*

Por trás desta crença, pode-se inferir a presença de dois tipos de amor: o amor romântico e o amor como prática social. O “regar” referido por S3 pode ser relacionado às ações práticas necessárias para a manutenção do relacionamento discutida por Freire-Costa (1998). Nesta fala, o sujeito responsabiliza-se pelo êxito no relacionamento, deixando a entender que este depende também de suas ações. Entretanto, a busca por “*não deixar apagar o que sentiu*”, parece estar relacionada a um ideal romântico, buscando os mesmo sentimentos vividos no início do relacionamento, sem a compreensão de que o amor se transforma e não necessariamente acaba.

Esta diversas compreensões das formas de amar referem-se a modernidade como se apresenta na contemporaneidade. A “roupagem nova” discutida por Oltramari (2009) diz respeito à busca de um amor reformulado, atual, com características de amor romântico.

Observou-se que as crenças desenvolvidas por vivências de S1 influenciam diretamente na forma como esta se coloca na relação, não comunicando ao seu cônjuge os seus sentimentos e agindo de forma mais passiva nesta relação. Assim como S3 pode se comportar em virtude de uma busca contínua em *não deixar apagar o que sentiu*.

Compreende-se que as particularidades são inúmeras quando o assunto é relação conjugal. Desta forma, o que cada pessoa vai considerar como fundamental para que a relação tenha êxito varia de um relacionamento para outro. As crenças são construções particulares que promovem atitudes, delineiam comportamentos. A partir desse entendimento, considerou-se necessário abordar esse assunto para compreender melhor a relação conjugal e verificar fatores que auxiliem no entendimento das justificativas para o êxito, sob o ponto de vista de cada sujeito desta pesquisa.

4.2 RECONCILIAÇÃO

Caracterizar os motivos na opinião dos entrevistados para a reconciliação com o cônjuge.

Este capítulo visa atingir o segundo objetivo específico e ponto central desta pesquisa: a reconciliação de casais. Os motivos para a reconciliação com o cônjuge foram os mais diversos, sendo os filhos os mais apontados. Diante disso, foi criada a categoria **Filhos seguram casamento sim!**, que será abordada abaixo e em seguida as categorias: **Não quero separação, quero mudança!**, **Dependência Financeira**, **“Se não gostasse não voltava”**, **Características do Cônjuge**.

4.2.1 Filhos seguram casamento sim!

Os quatro entrevistados apresentaram uma preocupação com os filhos caso houvesse a separação conjugal. Os dois entrevistados homens (S2 e S3) referiram diretamente a idéia de que filho segura casamento, enquanto as duas mulheres passaram a mesma compreensão, porém, de forma não tão declarada. S2, S3 e S4 apontaram os filhos como um dos motivos, ou o único motivo para a reconciliação do casal. Os dados corroboram com a pesquisa de Jablonski (2001, s/p) que afirma: “os filhos são, sem dúvida alguma, vistos como verdadeiros freios quando o casal vislumbra a possibilidade de vir a separar-se”. As falas abaixo evidenciam o que os entrevistados homens pensam sobre o assunto:

Se não tivesse filho, acho que a gente não estaria morando junto há muito tempo. Mas com os filhos, eu me seguro e seguro muito. Muita gente diz que filho não segura o casamento. Mas acho que filho não segura um casamento até um certo ponto. Segura até quando a gente não é bem maduro. Mas a gente, eu to com 50 anos, ela também esta com 43, 44. Acho que os filhos acabam segurando (S2).

Dizem que filho não segura ninguém, pode até não segurar, mas faz pensar (S3). Avaliando os relatos trazidos pelos entrevistados, pode-se pensar que há um medo do distanciamento dos filhos que a separação pode causar para os homens.

Segundo dados do IBGE (2008) 88,7% das guardas ficam com as mães, o que pode fazer com que homens já esperem que em processo de separação a guarda seja fornecida às mulheres. Ambos declaram serem pais presentes e apegados aos filhos e a distância destes seria algo difícil de lidar. S2 afirma:

se eu me separar, cada um vai ter que morar longe por exemplo. Não vai ter como ficar muito próximo. Porque aí se eu vou morar um pouco longe e certamente eu conheço ela, rancorosa, pessoa de guardar rancor, ela vai entrar na justiça tenho certeza e vai querer me prejudicar. E daí vai começar a criar aquela briga. Ai eu já sei que vou ter que pegar meus filhos final de semana, ficar uma semana sem ver, participar só no colégio ai pra mim é muito difícil ficar longe. Então eu prefiro às vezes ficar calado, sofrer.

O fato de S2 ficar calado nesta situação e preferir sofrer, parece dizer muito sobre o seu jeito de ser. No capítulo anterior em que se discute o diálogo para o êxito no relacionamento, S2 apresenta diversas falas que indicam a sua dificuldade de comunicação com sua esposa. Neste caso, S2 supõe que com a separação seria prejudicado e afastado de seus filhos. Entretanto, da forma como foi exposto isto parece ser uma hipótese construída pelo entrevistado e como a comunicação não se estabelece de forma clara, a confirmação desta dúvida ou a desmistificação dela acaba não acontecendo.

A partir do exposto, pode-se inferir que há uma preocupação dos entrevistados homens com a paternidade. Mais especificamente no caso de S3, além da preocupação com a distância que a separação poderia causar, há outra justificativa apresentada pelo entrevistado para a relação de proximidade intensa com sua filha. S3 teve uma filha deste relacionamento, que nasceu prematura com cinco meses e meio de gestação e que veio a falecer após dois meses e meio em uma incubadora. Depois disso, o casal decidiu ter outra filha, momento em que planejaram a V.[nome fictício utilizado para esta filha do casal]. Por esse acontecimento, S3 afirma ter um apego a esta filha V., que é incomparável ao sentimento que tem pelas outras duas filhas de outro casamento:

Eu gosto muito dela, como falei eu tenho duas filhas, perdi uma com ela, a perda dessa menina que faleceu me fez pensar muito nas coisas, me fez pensar muito...e a V. que ta com a

gente hoje é muito ligada comigo, e eu tenho um amor imenso por ela. Não vou dizer que não amo minhas outras filhas, mas pelo fato que ocorreu com a outra menina que faleceu, a V. pra mim, eu não me vejo sem ela! E acho que ela também me vê dessa forma, porque é tudo eu, elas dependem muito de mim. Aconteceu várias coisas na vida dela e eu sei que se ela perder mais uma, ou sei lá, até uma coisa que acontecer ela não ia superar esse fato da V.

Neste caso, este casal já passou por uma perda significativa no início do relacionamento e parece que mais uma “perda”, ou qualquer desestabilização na formação desta família poderia desestruturá-los. A reconciliação parece se apresentar como a melhor forma para manter a homeostase nesta família. A homeostase é definida como um estado de estabilidade ou equilíbrio (WATZLAWICK, BEAVIN, JACKSON, 1967).

Nesse sentido, o divórcio aparece como um acontecimento que abala a homeostase, justamente por ser considerado uma crise transicional. A família nuclear, bem como a família ampliada serão afetados de alguma forma por esta crise e a maneira como cada um irá lidar com isso depende da fase no ciclo de vida familiar. Os autores expõem que apesar de muitos filhos sonharem com a reconciliação do casal, não há regra para saber o quanto estes são afetados neste processo. Em um outro momento, os autores afirmam: “Embora o divórcio possa ser percebido como uma solução para os problemas dos pais, poucos filhos parecem querer o divórcio, independentemente da tensão conjugal existente antes da separação” (CARTER, MCGOLDRICK, 1995 p. 298).

Contudo, Maldonado (1987) aponta que o fato de os filhos sentirem-se melhor com a separação do que em uma união infeliz, repleto de tensões, também é perfeitamente compreensível. Percebe-se que apesar de S1 demonstrar preocupação com seus filhos diante de uma possível separação: *a gente olha pros filhos também né, é uma situação bem complicada*, os mesmos não almejavam a reconciliação do casal. S1 refere que esteve separada de seu cônjuge durante um mês e neste período os filhos não queriam que eles se reconciassem:

Os filhos não queriam que ele voltasse, no começo eles aceitaram. A filha casada não se envolvia muito, só apoiava, mas a outra que tava em casa e o meu filho não queriam. Ai no

final de contas fomos conversando e eles aceitaram. Apesar do meu menino, ele não queria, mas sentia falta do pai.

Esta situação confronta a idéia de que “os filhos querem ver os pais juntos”. A partir da fundamentação anterior, este caso nos leva a reflexão de que talvez o desejo de se reconciliar e viver esta relação novamente seja algo próprio de S1. Quem sabe a dificuldade de desfazer esta família esteja presente em S1 e não necessariamente em seus filhos. Rosset (2007) pontua que os filhos aprendem com a maneira de ser de seus pais e, a partir disso, constroem a sua maneira de ser, o que implica em repetição de comportamentos através do que foi apreendido.

Nesse sentido, pode-se pensar que uma separação conjugal, passaria a idéia de fracasso em relacionamentos. Imaginar que os filhos possam visualizar seus pais como modelos frustrados de relação, “exigiria” que a família se mantivesse.

No caso de S4, a problematização se mantém. A entrevistada é dona de casa, optou em sua vida por não trabalhar e dedicar-se inteiramente à criação dos filhos: *Porque eu sou uma pessoa caseira, minha vida foi 27 anos criar os meus filhos, tudo que eu tenho são meus dois filhos, mas é tudo pra mim meus filho.* O fato de S4 não ter trabalhado, apostado em outras realizações de vida, que não somente o casamento e filhos, pode fazer com que admitir a frustração de um casamento seja uma frustração de vida.

A partir do que foi discutido neste capítulo, parece que o casamento é mantido, mais pelos pais, por estes não conseguirem lidar com a idéia de se separarem “dos filhos” do que por uma possível dificuldade de aceitação dos filhos com a situação. Nesse sentido, pode-se questionar se “filho realmente segura casamento”, como a maioria dos entrevistados referiu. É muito possivelmente que o grande problema seja o projeto de casamento e não os filhos propriamente ditos.

Além disto, outro dado que pode ser discutido, é o fato de que todos os casais optaram pelo casamento a partir de uma gravidez não planejada. Apesar de alguns já estarem namorando e o casamento ser um plano futuro, este se antecipou em virtude da gravidez. Conclui-se esta discussão com a idéia de que talvez filhos não segurem casamento, mas podem sim ser um bom motivo para concretizá-los.

4.2.2 Não quero separação, quero mudança!

Esta categoria foi identificada no relato de três sujeitos, os quais referiram que apesar de buscarem a separação como alternativa para os conflitos que estavam vivenciando, o desejo era de que houvesse mudanças no relacionamento conjugal. Entretanto, as mudanças referidas pelos entrevistados, tinham um caráter unilateral, ou seja, atribuindo ao outro a responsabilidade e não de que o relacionamento em si tivesse mudanças. Para iniciar a discussão deste assunto, aponto para o autor Muller (2005), que aborda os conflitos que resultam em separação como uma forma de lidarem com as diversas mudanças que permeiam as relações:

As mudanças chegam, invadem, tomam lugar e abalam os referenciais pessoais e culturais. A irrupção e a volatilidade demandam do casal um incremento na compreensão e troca de informações. É para tentar “digerir” essas frenéticas experiências cotidianas que os casais provavelmente tenham atualmente uma maior quantidade de confrontações de valores, discussões e até brigas. Esses embates não significam propriamente separação, pois a forma como aprenderam a lidar com suas diferenças é o “ingrediente” que propicia a continuidade da relação. Nesse “caldeirão”, que mescla tradicional e pós-moderno, a estabilidade e a harmonia do casamento se tornam mais dependentes da qualidade de manejo das situações problemáticas, de elementos como diálogo, respeito, negociação, mutuo consentimento, afinidade sexual, etc (MULLER, 2005).

A fala de S1 demonstra que mudanças aconteceram abalando a relação e o desejo desta de retornar ao que viveu em algum momento do relacionamento:

E assim o principal, na minha esperança com a separação, no começo foi que ele caísse em si, e voltasse a ser como ele era...atencioso, ser fiel, dar atenção para a família

S1 refere ao longo da entrevista ter sido traída pelo marido e com a fala descrita abaixo, parece que há uma necessidade de reconhecimento, como uma possível reparação pelo acontecido:

ver as coisas erradas que ele tinha feito, porque errar todo mundo erra né, ninguém é perfeito, mas pelo menos a gente tem que reconhecer o erro e ele não reconhecia isso, não via o

estrago. Quando você, por exemplo, erra aqui mas eu não me preocupo com a pessoa que tá do meu lado. Eu erro ali, mas eu tenho que voltar, consertar, pedir perdão.

Maldonado (1995) afirma que a reconciliação exige reflexões em que as pessoas devem reconhecer os pontos falhos e analisar o que será preciso para esta nova tentativa no relacionamento. No caso de S1, é como se o ponto falho que foi a traição devesse ser olhado e reconhecido como importante na vida deles.

Três entrevistados apontaram o desejo de mudanças na relação, o que é ilustrado a partir da fala de S2:

E aí quando chegamos aqui [no Fórum] e foi feita a pergunta para ela: vocês querem se separar mesmo? É isso que você quer M.C.? Aí a resposta dela foi: não, separar eu não queria, queria que ele mudasse e fosse diferente. E eu na verdade eu não queria me separar. Mas não queria viver o drama que a gente tava vivendo.

Estas falas podem ser relacionadas ao nível de exigência que a cada dia aumenta nos relacionamentos atuais. E por isso, muitos decidem pela separação, justamente por não estarem de acordo com a relação insatisfatória da forma como se apresenta (FERES-CARNEIRO, 2003).

Em contraponto a essa exigência, os entrevistados desta pesquisa não optaram pela separação. S1 refere que não há motivo para a separação quando existe uma pessoa que tem possibilidades de mudança: *quando você sabe que tem outra pessoa que pode melhorar, que dá pra continuar.* A entrevistada expõe que no período em que esteve separada de seu marido por um mês, esta questionou se o mesmo estava disposto a mudar e que caso não estivesse, iria se separar: *Aí eu dei um intimato. Tu queres ainda continuar, fazer melhor, ter mudança. Se não, se tu achas que não vai conseguir então a gente separa, não tem problema.*

Ao ser questionada sobre a relação como está atualmente e se de fato houve mudanças S1 exclama: *Ele mudou, não 100%, mas uns 90% .Ele mudou bastante.* S1 assim como S3 tem uma conotação positiva do momento de crise. S3 avalia que a relação ficou melhor do que era anteriormente, considera que a

reconciliação foi uma prova de superação: *Ta melhor agora. Acho que isso fez atar, reconciliar, foi uma prova na verdade que a gente teve.*

Estas afirmações se diferem da apresentada por S2: *Mudou pouca coisa. Mudou..não mudou muita coisa. Continua mais ou menos o que vinha acontecendo assim, não mudou. Virou aquela rotina, foi interrompida um tempo e voltou, continua praticamente como tava.* Neste caso, a crise pode ter sido uma forma de sair da rotina, a qual foi interrompida, o que pode ocasionar uma sensação momentânea de revitalização no casamento (MALDONADO, 1995).

O autor acima afirma que a reconciliação é permeada pelo desejo de voltar com o cônjuge e o medo de que não haja mudanças. A partir dos dados apresentados, percebe-se que as duas possibilidades podem acontecer. A reconciliação pode fazer com que o casal mude e tenha melhoras, como pode haver uma estagnação e retorno do mesmo funcionamento na relação.

O entrevistado S3 aponta que a sua busca pelo serviço de mediação com o intuito de se separar foi um impulso e que se tivesse a oportunidade de conversar com alguma pessoa talvez não tivesse tido essa iniciativa: *Eu agi por impulso, pois estava bastante chateado, nervoso, não estava muito bem. Acho que questão de conversar com uma pessoa até não viria aqui entendeu.* S3 refere em seguida que não gosta de envolver outras pessoas no seu relacionamento: *não gosto de envolver outras pessoas no meu relacionamento. Porque a pessoa vai ter uma opinião diferente, ah porque ela fez isso, fez assado. Acho melhor ela seguir, tu seguir o teu. Sempre tem coisas contrárias.*

A partir da fala de S3 e também das outras expostas acima, entende-se a importância de que haja um espaço de imparcialidade para conversar sobre o relacionamento. Conforme McGoldrick et.al (1995) o divórcio como solução encontrada diante dos conflitos poderia ser uma escolha esclarecida em terapia de casal. Nos casos apresentados acima, parece que o divórcio se apresenta como uma estratégia para sair da relação conflituosa e não necessariamente como um desejo prioritário como o desejo de mudança.

4.2.3 Dependência Financeira

A entrevistada S4 expôs que o principal motivo para a reconciliação foi por ter avaliado o valor que lhe seria oferecido de pensão como insuficiente para a sua sobrevivência: *Tava decidida a separar, não me separei pelo valor que eles me colocaram que eu ia ganhar. Era muito pouco pelos anos que eu vivi com ele. Porque eu não tenho casa, não tenho nada, então achei muito pouco.*

Na separação, dentre outros aspectos, pode haver uma impressão de que se sustentar nos “fios de segurança” do relacionamento rompido é a solução, pois a tendência de minimizar a insegurança dos aspectos socioeconômicos, alia-se às idéias de manter o matrimônio pela segurança e estabilidade. Tais ambivalências marcam a atualidade, na qual muitas alternativas podem gerar escolha de não-escolhas. (MULLER, 2005 p. 61)

Neste caso, a alternativa gerada por S4, que tem 46 anos, foi a de escolher não se separar como forma de manter a segurança econômica que o casamento lhe proporciona. A entrevistada dedicou a sua vida a cuidar da casa, marido e filhos:

Então na vez que eu fui lá eu tava decidida, mas ai falaram que eu ia ter 300 reais e hoje tu não vive com 300 reais. Porque eu nunca trabalhei na vida, minha vida foi criar meus filhos. Então daí eu pensei, não vou primeiro pensar, não é assim. Não vou sobreviver com isso. Se eu tivesse uma casa, beleza, mas não tenho, tenho que pagar aluguel. Ai disse vou pensar, ai a gente retoma e vê o que faz.

De qualquer forma, Carter, McGoldrick (1995) pontuam que o divórcio altera o funcionamento da família em diversas áreas e faz com que se crie uma nova definição de vida familiar. E nestes casos, Brown (1978, apud Carter, McGoldrick 1995) aponta para a demanda de trabalho dentro e fora de casa, que pode fazer com que muitas mães fiquem sem estabilidade e energia para auxiliar os filhos perante esta perda. O autor afirma que a maioria das mulheres não está preparada para prover o seu sustento e de seus filhos, já que o que esperam é que seus maridos a sustentem enquanto dão o suporte necessário no cuidado da casa e dos filhos. O sentimento de “não dar conta” pode ser agravado pelo fato de S4 não ter tido a experiência do trabalho. É algo novo que pode gerar muitas dúvidas e insegurança quanto a capacidade de conseguir se manter sozinha.

A afirmação que Brown traz parece se adequar ao caso de S4, porém não pode ser generalizada, visto que na contemporaneidade as mulheres estão ganhando força no mercado de trabalho, os papéis dentro da família estão sendo reorganizados e muitas vezes os homens ficam responsáveis pelo cuidado dos filhos enquanto as mulheres provém o sustento financeiro.

Esta relação de dependência financeira não aparece como central no relato da outra entrevistada mulher (S1) também de 46 anos. Esta expõe que ao ser traída pelo companheiro foi relevando em virtude dos filhos: *ele foi traindo, aprontando e eu fui relevando, porque tinha os filhos, dependência, a gente vai dependendo e um monte de coisa a gente pensa muito nos filhos também*. Após questionamento da pesquisadora se esta dependência citada pela entrevistada seria financeira, a mesma responde: *É financeira, a gente olha pros filhos também né*. Entretanto, esta justificativa não se desenvolve ao longo do seu discurso, por isso supõe-se que caso não houvesse intervenção alguma, talvez a entrevistada não tivesse referido a dependência financeira.

Contudo, apesar de S1 ser doméstica, ou seja, tem uma profissão, o que se difere de S4, as duas são mulheres que valorizam a relação familiar, os filhos e se dedicam nestes papéis. O esperado, a partir destas características seria que a dependência financeira se mostrasse como algo evidente em ambas as falas. Neves (2007) afirma que a emancipação sexual das mulheres auxilia em uma desconstrução e reconstrução das formas de se relacionar amorosamente. Quem sabe o fato de S1 não priorizar a dependência financeira como motivo para permanecer com seu companheiro possa ser uma reconstrução na maneira de agir nas relações.

Os dados expostos acima chamam a atenção para a diversidade a partir das histórias de vida. Apesar de ambas terem a mesma idade, ou seja, viveram em um contexto cultural parecido, talvez com muitas semelhanças quanto a criação, têm perspectivas diferentes. Nisto, prevalece a idéia de que as pessoas devem ser compreendidas em sua singularidade e que não há regras quanto se trata da subjetividade do ser humano.

4.2.4 “Se não gostasse não voltava”

Os homens foram os únicos entre os sujeitos (as) de pesquisa que se referiram ao sentimento “gostar” quando foram levantados os motivos para a reconciliação do casal. As justificativas expostas a esse sentimento estavam relacionadas a uma vinculação pela superação das dificuldades. Os sujeitos primeiramente afirmaram que gostam de suas companheiras e em seguida falaram da história de vida e da superação de desafios de vida que passaram juntos.

O gostar aparece nas seguintes falas: *Acho que porque um gosta do outro. Eu gosto dela e acho que também ela gosta de mim...porque se não gostasse não voltava, voltar por voltar não. (S2); Acho que se não tivesse o gostar cada um tinha ido pro seu lado e deu. (S3).*

Em seguida, discorrem sobre outros fatores:

O motivo então foi porque gosta do outro, acaba tendo aquele vínculo, não quer perder, tá ruim mas acha que vai perder, gosta daquilo, acaba se envolvendo. Todos esses anos juntos, nos envolvemos muito, passamos muitas dificuldades juntos, superamos, então acho que por isso acabamos voltando (S2).

S2 refere que a reconciliação aconteceu pelo fato de haver uma consideração pelo enfrentamento das dificuldades, o que criou um envolvimento e também por gostarem um do outro. S3 expõe que a união nos momentos de dificuldades, um apoiando o outro fez com que o sentimento “gostar” se fortalecesse. Avalia que isto aproximou o casal:

A gente passou bastante dificuldade e por estas dificuldades que a gente passou, por eu estar do lado dela, ela estar do meu lado,..a gente fortaleceu o que tava sentindo...Pelas dificuldades que a gente passou...ela me apoiando e eu apoiando ela, foi o que uniu a gente...quando a gente ta na hora difícil, ela ta do meu lado e eu ta do lado dela e das coisas que aconteceram. E a gente acha que aproximou mais a gente (S3).

A partir das falas, pode-se entender que o sentimento exposto é algo construído a partir das vivências em comum. A superação das dificuldades modifica

o sentimento presente. Isto pode ser relacionado ao conceito de amor como uma crença, em que há a possibilidade de alterar, dispensar, melhorar e o “gostar” não é estático (FREIRE-COSTA, 1998). Além disto, parece haver um entendimento desse sentimento a partir de crenças religiosas. Este gostar referido pelos entrevistados parece estar permeado por dificuldades, compreendendo o amor como sacrifício, em que só ama aquele que sofre, luta e supera.

4.2.5 Características do Cônjuge

As características do (a) parceiro (a) apareceram como motivos para a manutenção do casamento, através de uma qualificação do outro na relação, um reconhecimento pelos “pontos positivos” bem como fator fundamental para a reconciliação em um dos casos.

S1 ficou separada de seu marido por mais de um mês e afirma que a separação fez com que ela reconhecesse os pontos positivos de seu companheiro: *a separação muitas vezes ela é bom por um lado porque a gente pára e valoriza o lado bom da vida, os pontos bons*. Nesse sentido, atribui o motivo da reconciliação às características positivas de seu companheiro: *Foram os pontos positivos que me fizeram voltar né, porque até então tava decidida que tinha acabado, ele é trabalhador, uma pessoa honesta, se doava para a família, para os filhos...(S1)*.

S1 expõe que em períodos de crise, somente os pontos negativos são vistos e quando há um tempo e um distanciamento, há a possibilidade de perceber de outra forma: *Porque muitas vezes quando a gente está magoada, a gente não consegue enxergar o lado bom, ai só vai acumulando, acumulando. Às vezes é o tempo que a gente dá, que daí a gente consegue ver*. Conforme já pontuado anteriormente no referencial teórico deste trabalho, em momentos de crise as pessoas podem identificar qualidades no outro até então não reconhecidas e o sentimento de perda pode gerar mudanças entre o casal e fazer com que surja o interesse em reatar a relação (MALDONADO, 1995).

Nos outros três casos (S2, S3, e S4) as características do (a) parceiro (a) foram apresentadas sob uma perspectiva de manutenção do casamento, aquilo que a relação tem de bom devido às virtudes pessoais. Vale ressaltar que foi perguntado

aos entrevistados o que consideravam como pontos positivos do relacionamento conjugal, entretanto, as respostas se basearam em características de parentalidade e capacidade de prover subsistência como as seguintes falas: *Ela [esposa de S2] trabalha, procura trazer coisas boas pra dentro de casa, fazer o bem para os filhos. Então acho que o ponto positivo dela é ser batalhadora, ser honesta (S2); Eu não tenho nada que reclamar dela. Ela [mulher de S3] é uma excelente mãe, faz as coisas dentro de casa. É uma pessoa que ta lutando, pegando junto (S3);*

Ele [marido de S4] é um bom pai, um bom marido, tudo o que eu quero eu tenho, não posso me queixar sobre isso aí...em matérias assim de que tudo que eu quiser, quero ir em tal lugar, quero tal coisa, sempre tive tudo com ele, não posso me queixar de nada. Ele foi um bom marido, ótimo pai, os filhos não têm o que falar dele. Nunca deixou faltar nada, sempre foi um pai que teve nas horas boas, nas horas ruins. Meus filhos não têm o que falar e eles mesmo falam que ele sempre foi um ótimo pai (S4).

A partir do exposto, evidenciado principalmente na fala de S1, pode-se refletir sobre os efeitos que a rotina do cotidiano tem sobre os casais, fazendo muitas vezes com que as pessoas se absorvam em suas tarefas e tenham dificuldades em dispor a sua atenção sobre o outro. Esta categoria tinha como objetivo explicar o motivo principal para a reconciliação com o cônjuge apresentado pela entrevistada S1 e também expor as qualidades identificadas pelos entrevistados a respeito de seus companheiros. De certa forma, as qualidades individuais contribuem para a manutenção do casamento e também para que a reconciliação aconteça, já que se apresentam como pontos positivos na relação conjugal.

4.3 SEPARAÇÃO

| |
|---|
| Identificar as crenças sobre as conseqüências da separação. |
|---|

4.3.1 Ambivalência

Considerou-se fundamental a discussão sobre ambivalência, já que esta foi identificada nas falas dos quatro participantes. A palavra é definida por Rosset (2007, p.18) como dois valores iguais e o ambivalente “é toda pessoa que, em uma dada situação, experimenta sentimentos contraditórios ou manifesta, simultaneamente, atitudes opostas.” A autora afirma que aprendemos a ver os bons sentimentos dos outros e isso dificulta a conscientização e a forma de lidar com sentimentos não-aceitos e antagônicos.

A ambivalência encontrada nas entrevistas aparece como um desejo de separação e reconciliação, como uma dúvida nas decisões, um “pensar mais um pouco”, “um querer voltar e não querer”: *ele queria e não queria (S1), Aí eu procurei o serviço de mediação, ai depois ela viu que não era isso, acabou voltando atrás. (S2); eu fui pra me separar, mas quando vi a situação eu pensei: não eu tenho que pensar mais um pouco (S4).*

A ambivalência se apresenta não necessariamente em um dos sujeitos e sim na relação dos casais, como as falas acima de S1 e S2 que se referem a seus cônjuges. S1 afirma que durante o período em que esteve separada de seu marido, apesar desta ter tido a iniciativa da separação, o marido tinha dúvidas também sobre o relacionamento. S1 relata que seu marido queria voltar, mas por “machismo” não assumia esta vontade: *Ele queria voltar, mas ele tinha vergonha, porque assim poxa mulher me mandou embora, machismo né, a mulher mandou embora. Ai ele queria e não queria.* O machismo referido pode ser relacionado conforme citado anteriormente neste trabalho, à relação conjugal construída sob uma diferenciação de gênero, em que a dominação masculina nas práticas sociais influencia na construção de um relacionamento desequilibrado. Neste caso, parece que não cabe ao homem flexibilizar e aceitar o seu desejo de retornar à relação. O que S1 traz pode ser também uma explicação que a entrevistada deu a si mesma pelo ocorrido, não estando necessariamente de acordo com a realidade.

A ambivalência é identificada na relação de S2 quando refere às diversas vezes que buscou o serviço de mediação, resultando posteriormente em reconciliação:

Vimos aqui 3 vezes já. Eu até prometi pra ela que não viria mais, tenho até vergonha de chegar na mediação. Porque aí a gente acaba se acertando, aí as pessoas que acabam mediando ficam se questionando, poxa de novo, aí parece que a gente tá incomodando as pessoas e que chega ali e se acerta e então por que vocês vieram? Parece que a gente tirou a mediação como um espaço para se acertar, mas aí...tem que se acertar em outros lugares.

Parece que este casal carecia de um espaço de conversa, em que a comunicação entre eles pudesse acontecer de forma funcional, já que ambos tendem a interromper a comunicação em momentos de conflito conforme discutido em capítulo anterior.

Nesse sentido, a mediação se apresenta como um espaço para que a comunicação seja clarificada, em que sentimentos possam surgir e ser manifestados, como a decisão de se manterem juntos. (BITTENCURT, 2009) A mediação transformadora tem o objetivo de propor reflexões, clarificar sentimentos e ampliar a visão das pessoas sobre a situação. O acordo para a separação acontece como resultado de todo esse processo, sendo um dos objetivos e não um fim. Quando S2 refere: *Parece que a gente tirou a mediação como um espaço para se acertar, mas aí...tem que se acertar em outros lugares*, demonstra o quanto a idéia de acordo ainda está atrelada a mediação. A separação assim como a reconciliação podem ser produtos finais de uma mediação, sendo esta bem realizada, explorando pontos importantes do relacionamento.

Quanto a S4, a dúvida acerca da separação parece se dar por uma questão financeira no momento em que refere: *Então daí eu pensei, não vou primeiro pensar, não é assim. Não vou sobreviver com isso. Se eu tivesse uma casa, beleza, mas não tenho, tenho que pagar aluguel. Ai disse vou pensar, aí a gente retoma e vê o que faz.*

Com a separação, S4 provavelmente teria que trabalhar para sustentar seu filho e a si própria, já que o valor da pensão seria insuficiente para isso. Diante desta situação, questiona-se a escolha mais válida sob a perspectiva desta mulher, continuando em um relacionamento em que obtém diversas vantagens ou tendo que trabalhar e agir de forma diferente do que vinha fazendo. Conforme Souza, Ramires (2006) os parceiros amorosos proporcionam segurança e servem como uma base

para lidar com diversos aspectos da vida. No caso de S4, a segurança que o companheiro lhe proporciona parece ser ainda mais valorizada do que escolher a separação.

Isto pode ser relacionado à co-dependência definida por Giddens (1993), em que a segurança é obtida a partir do outro e o relacionamento sustentado pelo hábito é um tipo de relação co-dependente. S4 está habituada com a vida que lhe foi oferecida e parece ter dificuldades em fazer diferente. Diante dos relatos que indicavam a postergação da separação, decidiu-se criar a subcategoria: **Separação: hoje não, amanhã quem sabe**, que será discutida abaixo dando continuidade a idéia de ambivalência nas relações.

4.3.1.2 Separação: hoje não, amanhã quem sabe

A partir das falas de três entrevistados (S1, S2 e S4), percebe-se que há uma postergação da separação, algo que hoje não é possível, mas futuramente possa vir a ser. Na categoria anterior, a ambivalência é discutida em sua conceituação e que de forma ela se apresentou nos relatos. Foi criada esta subcategoria, com o intuito de explanar esse adiamento da separação por ter sido identificado de forma específica nas entrevistas.

Em dois relatos, este adiamento foi justificado em virtude da idade dos filhos: a gente olha pros filhos também né, é uma situação bem complicada, quando eles eram pequenos eu imaginava assim...um dia eles vão crescer e eu vou conseguir me divorciar (S1); Até eles tiverem uma idade, meu filho daqui uns 4 anos vai ter 14, vai estudar, começar a fazer a vida dele. A minha filha vai ter 10, 11 anos ai já entende mais. Daí até lá se não tiver bem as coisas acaba separando (S2). Conforme discutido no capítulo anterior, a idéia de que filho segura casamento também aparece nesta categoria, já que a postergação da separação está atrelada a idade dos filhos.

Talvez o casal não esteja nesse momento preparado para lidar com as mudanças advindas de um divórcio e por isso adiam este desejo. Isto pode ser relacionado às etapas do divórcio, descritas por Carter, McGoldrick (1995), em que há diversos estágios que caracterizam processos, atitudes, frequentemente comuns

àqueles que desejam divorciar-se. No caso dos entrevistados, parece que o terceiro estágio, definido como *Separação do Sistema*, está mais próximo do vivenciado pelos mesmos, já que a ambivalência é sempre presente e a reconciliação pode acontecer.

A entrevistada S4 refere em diversos momentos da entrevista, que quando descobrir uma traição de fato, ela irá se separar. S4 procurou o serviço de mediação familiar, com o intuito de se separar de seu marido por acreditar que este a estivesse traindo conforme a seguinte fala: *E eu não aceitei [...] e como eu sempre consegui tudo, eu não aceitei aquilo ali. Por isso que eu quis a separação, por causa de uma menina (S4).*

Entretanto, referiu que o companheiro não chegou “às vias de fato” e por não ter concordado com o valor que ganharia de pensão, resolveu pensar melhor sobre a situação. Contudo, refere que a partir do momento em que uma traição for descoberta, o valor que lhe será pago de pensão não será um impedimento para a separação: *No momento em que eu descobrir qualquer coisa eu vou me separar, ganhe pouco, ganhe mal, nem que eu tenha que carpir pedra, mas vou me separar (S4).* Este receio com uma possível traição parece estar bastante evidente devido às diversas vezes em que repete o conteúdo exposto:

Porque eu disse que quando não der mais, quando eu descobrir qualquer coisa dele eu vou me separar. Ganhe pouco, ganhe bastante eu vou me separar. Isso ele sabe; Ganhando pouco, ganhando bastante eu vou me separar. Já falei pra ele. Ele ta consciente e eu to bem consciente do que to falando; No meu relacionamento só me separo se eu souber que ele ta aprontando comigo. Ai eu me separo; Mas no momento que ele aprontar pra mim terminou. Terminou. Que eu descobrir terminou. Isso eu quero que ele ate saiba, porque pra mim terminou mesmo (S4).

A exigência da fidelidade foi referida no capítulo do Êxito como uma condição para que o casamento perdure ao longo do tempo. Novamente esta exigência aparece e o descumprimento desta pode fazer com que a relação acabe. Diante do exposto por S4, parece ser a infidelidade, o único motivo para a separação de fato acontecer.

Relacionando o objetivo específico, que busca identificar as crenças atreladas à separação conjugal, entende-se que a postergação desta pode estar relacionada a algum tipo de crença que influencie nesse adiamento. Entretanto, o fato de as pessoas considerarem esta possibilidade, faz com que sejam identificadas possíveis mudanças de vida, o que diz respeito a uma característica da modernidade. A visão tradicional ilustrada pela frase “até que a morte os separe” é contraposta por essa percepção de que o casamento não é um destino que está determinado e deva ser seguido.

4.3.2 Desconfiança

A desconfiança apareceu em todas as entrevistas sob três diferentes perspectivas: desconfiança atrelada à fidelidade conjugal (S1, S4), desconfiança em relação à paternidade (S2), desconfiança pela quebra de um contrato de sinceridade (S3). Primeiramente aborda-se a desconfiança atrelada a fidelidade conjugal:

Eu não confiava mais, quando falta confiança é horrível né. Eu já não confiava mais e o “back” foi tão grande que ele deu uma parada, parou. Hoje eu consigo acreditar mais nele, claro que a gente sempre fica lá, mas não ficando sempre neurótica pensando se ele ta fazendo isso ou aquilo, se ta aprontando. Não tem que ficar sempre em cima, tem que ter bastante equilíbrio nessa área, dar um voto de confiança (S1).

E ela [esposa de S2] acreditou naquilo e eu disse que se era pra viver assim, se tu não acreditas em mim, acredita nas pessoas, a gente se separa. Ficou muita desconfiança, não tem como viver junto.

Mas até hoje fica com aquela desconfiança. Em partes ela voltou a acreditar em mim, mas volta e meia ela fica dando aquela cutucada falando da fulana (S2).

S4: *Tô dando um voto de confiança, mas sempre tô atrás. Sempre tô atrás pra saber tudo. Agora o momento que eu descobrir não tem mais volta, pego meu filho e saio de dentro de casa.* Giddens (1993) afirma que uma relação de confiança só é possível quando os riscos são considerados. Neste caso, o voto de confiança é dado entendendo-se que a relação apresenta riscos. Pode ser compreendido também como uma “chance” para que o outro tenha possibilidade de fazer diferente.

A desconfiança atrelada à paternidade foi identificada no caso de S2 que desconfia que o filho mais velho, de 10 anos, não é seu, pois sua esposa engravidou quando o casal estava junto há dois meses e acredita que por isso a relação já começou errado:

fiquei com clima de desconfiança, porque não havia nem dois meses que a gente havia se conhecido e ela disse que estava grávida. Ai fiquei pensando, será que o filho é meu, ou não é, ficou aquela coisa na cabeça. Ai começamos tudo errado.

Ao ser questionado se hoje ainda tem desconfiança quanto à paternidade, S2 afirma:

Tenho. Acho que não é, mas...não fui atrás disso. Ela tinha outro namorado e deve ter sido com o outro e ai como eu me aproximei dela acabei assumindo a coisa que aconteceu naquele momento e acho que isso que começou mal. Porque depois que ele foi crescendo... não tem nada a ver, não é, o sangue dele é A+ e o meu também, mas não tem nada a ver, totalmente ela, a cara dela, não tem nada a ver comigo. Então nunca deu muito certo porque começou errado. Eu deveria ter aceitado de outra forma aquilo. Eu não aceitei no começo. Se eu quisesse como quis, não importava aquilo então deveria ter aceitado e não levado em consideração aquilo. Mas como ficou aquilo na cabeça, sempre foi um motivo, poxa não queria assim, não era assim, não era isso que queria.

O fato de S2 não ter exigido na época em que sua esposa estava grávida o exame de DNA ou tê-la questionado quanto à paternidade, parece fazer com que este não se permita mais saber a verdade. A desconfiança permanece por uma falta de comunicação e um segredo se forma. Conforme referenciado na categoria **Crenças sobre relacionamento**, o segredo limita a circulação das informações e isso pode ter influenciado diretamente sobre o relacionamento do casal. A

comunicação do casal pode ter sido prejudicada desde a elaboração deste segredo, formando assim um funcionamento, um modo de agir na relação a dois.

A desconfiança no caso de S3 se deu por uma quebra no “contrato de sinceridade”. O entrevistado afirma que acreditava em sua esposa, até que esta omitiu um fato importante de sua vida, e ao ser questionado sobre a retomada da confiança na relação, S3 responde: *a gente conseguiu superar em relação a isso. Pelo menos eu consegui, não vou dizer 100%, mas um pouco da confiança. A gente tem que ter um pé atrás e outro na frente.*

Parece haver uma maleabilidade entre confiança e desconfiança, em que “se confia desconfiando” em maior parte dos relatos. Pode-se pensar que diante das experiências vividas pelos entrevistados, em que a confiança foi quebrada em algum momento, foi construída a crença de que só é possível confiar parcialmente e por isso a desconfiança se faz presente nesta relação.

4.3.3 Os separados

As categorias anteriores abordaram assuntos pertinentes à separação conjugal, necessárias para o entendimento do terceiro objetivo específico: Identificar as crenças sobre as conseqüências da separação, que será abordado mais especificamente nas categorias seguintes.

A definição de crenças foi exposta anteriormente no capítulo Êxito, na categoria Crenças sobre Relacionamento. Partindo da mesma perspectiva, assim como as crenças exercem influência nas formas de agir em relacionamentos amorosos, influenciam também ao lidar com processos de separação, incluindo a separação conjugal.

Para investigar as crenças que os participantes desta pesquisa têm acerca da separação, foi questionado diretamente o que pensam sobre esse assunto, se conhecem pessoas que passaram por esta situação e como avaliam a vida destas pessoas. Diante das respostas, foram definidas duas categorias: Os separados e Eu separado. Primeiramente, será exposto como os entrevistados avaliam a vida dos outros “separados” e em seguida como seriam suas próprias vidas se a separação de fato acontecesse.

Três sujeitos de pesquisa expuseram que a separação não é algo bom, ou que não foi bom para determinadas pessoas de seu convívio:

A vida é completamente estragada. Não é feliz, arruma pessoa ou outra e está sempre triste, sempre com problemas. Acho que não é a mesma coisa, claro que muitos casos encontram outra pessoa e ficam felizes, mas pelo menos as pessoas que eu conheço nenhuma é feliz, todas são tristes (S1).

Meu irmão que se separou. Ficou muito mal, muito mal. Ele já casou umas 5, 6 vezes depois da separação. Por isso que eu já tenho experiência. Ele ficou pior. É que ele gostava muito da menina e a menina aprontou pra ele. Ele era casado, tinha uma menina e ela que aprontou, não foi ele entende. Ai ela se separou dele. Então pra ele aquilo ali foi um marco, a gente sofreu muito junto com ele, a gente não sabia o que fazer com ele (S4).

S4: Tem um amigo meu que é separado e entrou em depressão...ele não ta bem. Eu converso muito com ele no MSN ele não ta bem. Ele é muito amigo nosso e a gente vê que ele não ta bem.

S3: Não são felizes, eles podem até dizer que são felizes, mas não são. Pessoas que ficaram bastante tempo casados, sentem falta de alguma coisa.

Apenas um participante apontou a separação como algo bom:

Conheço vários casais que se separaram e tocaram a vida. Tem um rapaz que trabalha comigo e ele separou depois de 18 anos e pra ele era o fim. Ele chorava direto e não queria aquilo, ela quis a separação. Eu dizia pra ele: começa de novo, tudo tem um começo, quem sabe isso ai tu estava achando que era uma coisa boa e vai ser melhor futuramente, vai encontrar outra pessoa. [...] Acho que de repente se cada um não quisesse, ia ver que o futuro é bem melhor do que ta convivendo hoje. Mas todos eles são casados de novo, estão melhores do estavam antes (S2).

A separação tendo uma conotação negativa prevaleceu nos relatos dos entrevistados. Com o intuito de compreender o objetivo específico sobre as crenças relacionadas à separação, problematiza-se essa conotação demonstrada pelos

sujeitos de pesquisa. Talvez o fato de perceberem a separação como algo ruim faz com que a reconciliação aconteça ou que tenham dificuldades em se desvincular de suas relações.

4.3.4 Eu separado (a)

Esta categoria se deu a partir do questionamento de como seria viver novamente solteiro (a) para os sujeitos dessa pesquisa. Apenas uma participante mulher teve uma resposta “positiva” com a separação: *Tranqüila, assim. Sabe quando tu senta e entra dentro de casa tá tranqüila, não se aborrece não se entristece, ta vivendo ali se cuidando, eu imaginava, tanto que eu não queria voltar de jeito nenhum (S1)*. A outra entrevistada mulher referiu que não se casaria novamente: *Jamais procuraria outro, moraria a vida toda solteira, morreria solteira. Não queria mais saber de casar. Nunca, nunca*. Além disto, refere que poderia viver bem caso não tivesse preocupações financeiras: *se eu tivesse uma vida que não precisaria me preocupar, tem que pagar isso, aquilo, quem sabe viveria bem, mas acho que não né (S4)*.

Os dois homens (S2 e S3) relataram dificuldades diante de uma possível separação conjugal:

Acho que solteiro, sozinho não seria sozinho. Se fosse pra procurar um apartamento e ir morar sozinho, eu não consigo. Tenho medo da solidão. Acho que se separasse eu já iria a procura de uma nova pessoa pra conviver junto, ficaria sozinho dois meses ou mais se não encontrasse uma pessoa pra viver junto. Sou uma pessoa que não gosta de ficar sozinho em casa, ficar parado dentro de casa, não me sinto bem, tenho sempre que fazer alguma coisa, não serviria pra morar em apartamento. Gosto sempre de estar saindo. Mas viver solteiro seria muito ruim, não iria conseguir viver, não que eu não ia conseguir viver, mas iria procurar outra pessoa pra viver comigo (S2).

Na verdade eu não me vejo separado. Eu ia quebrar bastante a cara. Como eu falei, desde os 15 anos sempre tive relacionamento sério, fiquei dois anos sozinho e casei de novo.

Então acho que eu ia quebrar bastante a cara, se fosse pra ficar com outra pessoa. Começar tudo de novo, aquela conquista, não é igual como era antes. Pra fazer alguma coisa antes a gente tinha que namorar, ficar, beijar, conhecer mais a pessoa. Hoje não, tu conhece a pessoa e já tá...até na mesma hora, entendeu? Eu acho que eu ia quebrar bastante, porque eu sou tímido, sou mais na defensiva, não sou “ah peguei...” sou mais dos antigos, conquistar, aquele clima todo. A gente ficou um tempo pra ver o que a gente decidia, até fiquei com uma pessoa, mas não é a mesma coisa sabe. Acho que não ia me adaptar e ia quebrar bastante a cara (S3).

A partir do exposto, faz-se uma relação com a categoria anterior para apontar uma incongruência nas opiniões de S1. Esta reconhece as pessoas de seu convívio que se separaram, como infelizes, ao contrário do que pensa sobre como seria a sua vida. Refere que viveria bem, tranqüila.

Diferentemente do referido pelos entrevistados homens (S2 e S3), que apresentaram dificuldades com a separação e não ficariam sozinhos. A entrevistada S4 refere que não se casaria novamente. Esses dados, corroboram com a perspectiva de Peck; Manocherian (1995, p.296): “muitas pessoas divorciadas têm mais certeza daquilo que não querem fazer, baseada na experiência dos outros, do que aquilo que realmente querem fazer”. No momento em que S4 expõe que não iria se casar novamente e S2 que não ficaria sozinho, trazem pretensões do que não fazer. As atitudes, opiniões, crenças dos entrevistados em relação a separação continuam sendo discutidas na categoria abaixo.

4.3.5 O financeiro se destrói

Esta categoria foi criada a partir da fala dos entrevistados homens que referiram como conseqüência da separação, prejuízos em relação ao patrimônio e a situação financeira. Os relatos apresentaram a visão sob a perspectiva de homens, de como estes são afetados financeiramente com o divórcio.

Como pôde ser observado no quadro de identificação dos sujeitos exposto anteriormente, os dois homens tiveram outros relacionamentos anteriores a este

recasamento, ou seja, passaram pela experiência de separação, conseqüentemente de partilha de bens por mais de uma vez. S2 está no quarto relacionamento e afirma que um dos aspectos que dificultam a ter a iniciativa de separar-se é a questão financeira:

E também pela questão financeira. A gente adquiriu algumas coisas juntos e para separar tem que dividir tudo aquilo e como eu já me separei outras vezes, quando acaba um casamento acaba destruindo as coisas que tem. Vende as coisas pra se livrar porque não quer mais viver do passado, ai até começar a vida de novo e arrumar uma pessoa pra morar junto e às vezes troca de trabalho, isso acaba atrapalhando.

Há outro aspecto apontado por S2 que dificulta a desvinculação do casamento que é o conforto proporcionado pelos bens adquiridos resultando em um conformismo: *Fica conformado com as coisas, eu não vou largar minha casa, tenho meu carro, tenho outra casa lá na praia e ai final de semana pra onde eu vou. E daí acaba num conformismo, vive junto, sempre esperando que amanhã seja melhor né.* S2 refere também que se houvesse a separação, iria ter que abrir mão da casa, “deixar” os bens, adquirir tudo novamente e recomeçar a vida:

os bens materiais que tem que adquirir de novo, tem que deixar. E se não der certo, ela vai querer ficar com os filhos ai fica tudo na casa, a gente não vai querer vender a casa, que ai fica com ela. E ai eu vou ter que sair e começar toda uma vida nova, complicado hoje com 50 anos começar uma vida nova. Da pra começar com certeza, nunca é tarde pra recomeçar, mas é mais complicado do que quando tinha 20 anos, era mais fácil começar tudo. Hoje se eu trocar de profissão, aqui eu não consigo emprego, teria que ir pra Joinville, Criciúma, lá teria oportunidades

S3 explana o caso de um amigo que se separou da esposa e devido a partilha de bens acabaram “perdendo o patrimônio” e o custo financeiro que se elevou com a mudança de vida: *Fizeram a partilha, ele ficou com um pouco, ela com um pouco e hoje não tem mais. Tem o motivo de sair bastante, porque bebeu bateu*

o carro, tinha prestação de carro não conseguiu mais pagar porque quando sai na noite gasta muito dinheiro.

A partir disso, refere os gastos que para ele a vida de solteiro exige: *Porque aquela coisa, quando tu vai sair tu sai com casais e racha, e quando tu ta solteiro tu sái com um amigo, não racha nada, paga a entrada da boate, às vezes 40, 50 reais, mais bebida isso e aquilo, quando vê já gastou 200 reais na noite. Aí vai embora, capaz de bater o carro, ou a moto, é mais um prejuízo que você vai ter. Então saindo vai te limitar.* A partir desta fala, problematiza-se o papel da mulher nesta relação, o que parece neste caso, é que existe a crença de que a mulher exerce um controle sobre o homem, funcionando como um “freio” no aspecto financeiro, o que acaba evitando gastos.

Conforme referenciado na fundamentação teórica deste trabalho, a mediação familiar é utilizada como uma estratégia em terapias de casais, pois promove um enfrentamento da realidade ao discutir questões pertinentes ao divórcio (CARTER, MCGOLDRICK et.al, 1995). Neste caso, ao refletir sobre a realidade de uma pessoa separada após a divisão dos bens e com os custos advindos dessa mudança no estado civil, há um confronto com a realidade e pode fazer com que a decisão da separação seja questionada, ou até mesmo abandonada.

A idéia passada por S2 de ter que abrir mão dos bens em virtude dos filhos, os gastos de uma vida de solteiro referido por S3, assim como o fato de recomeçar a vida, seja pela dificuldade na conquista de outras mulheres, bem como o fator da idade e profissão, dizem respeito a conseqüências da separação sob a ótica dos entrevistados homens. Estes passaram por “recomeços”, pois já viveram outras separações conjugais. Os entrevistados podem utilizar esses aspectos como álibis emocionais, com o objetivo de justificar a sua decisão para não enfrentar a separação conjugal. Todos esses fatores contribuem para a decisão de se manter onde está e então o conformismo citado anteriormente acaba ganhando espaço nas relações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as justificativas para a reconciliação de homens e mulheres que desistiram do divórcio durante a mediação familiar perpassa por um entendimento acerca do que as pessoas acreditam ser necessário para que a relação perdure, assim como as crenças relacionadas à separação conjugal. Esses assuntos, respondem aos objetivos específicos e auxiliam na compreensão do objetivo central deste trabalho.

O capítulo descrito como Êxito, buscou saber fatores importantes para a manutenção do casamento. As respostas obtidas como Respeito, Fidelidade, Diálogo foram discutidas a partir do entendimento de cada entrevistado acerca desses fatores. Observa-se que apesar dos entrevistados considerarem esses pontos como imprescindíveis para a relação a dois, em alguns dos casos, pareciam mais desejos a serem conquistados na relação do que a realidade de fato.

O capítulo que buscou identificar as crenças sobre as conseqüências da separação considera-se ter sido atingido. Verificou-se que a separação tem uma conotação predominantemente negativa para os entrevistados, avaliando que a vida de pessoas separadas conforme citado por S1 é “completamente estragada”. Nesse sentido, problematiza-se a influência que uma crença negativa acerca do divórcio pode exercer sobre as pessoas que procuram esta solução. A reconciliação parece ser a melhor opção para que a vida não se torne também “estragada”, além de outros fatores declarados como as dificuldades financeiras advindas da separação conjugal. São crenças que acabam servindo como barreiras para que a dissolução do casamento aconteça.

Os motivos na opinião dos cônjuges para a reconciliação foram identificados e compreendidos conforme proposto nos objetivos específicos. A dependência financeira apareceu em um dos casos, referida por uma mulher como fator para a reconciliação, e dois homens referiram o sentimento “gostar” que é potencializado pela superação das dificuldades pelo casal. Mas os filhos e o desejo de mudança no relacionamento foram os motivos mais apontados pelos entrevistados. Há uma preocupação com a “quebra” desta instituição chamada família, que se demonstra em virtude dos filhos. Em relação ao desejo de que o outro mude na relação, pode-

se pensar que a mediação familiar se apresenta como uma alternativa para resolver o conflito, mesmo que a separação não seja o desejo prioritário.

Talvez, se houvessem possibilidades de encaminhamentos, serviços de atendimento psicológico a casais (terapia ou grupos de reflexão), as pessoas não precisariam entrar com um processo de separação. Quando identificado a necessidade de se discutir mais sobre as questões e se o desejo de reconciliação for detectado pelos mediadores, um serviço ligado a mediação familiar que atendesse esses casais seria importante, como forma de potencializar e dar voz aos seus sentimentos.

Percebe-se que, muitas vezes, a mediação é procurada como uma alternativa diante dos conflitos, já que muitas pessoas por falta de recursos para lidar com as situações, precisariam de auxílio. Diante desta falta, buscam a dissolução do casamento. Não se trata da criação de um serviço de reconciliação para casais, mas de um espaço para que as pessoas desenvolvam sua autonomia e potencializem sua capacidade de lidar com os conflitos, encontrando outras estratégias que não somente o divórcio. A existência desses espaços podem contribuir para os usuários e também para o sistema judiciário, que terá uma agilidade maior nos processos, oferecendo qualidade e encaminhamento adequado de acordo com as necessidades dos separandos.

Avalia-se também a importância de ampliar o conhecimento sobre o tema reconciliação de casais diante de poucos materiais encontrados ao longo da construção deste trabalho. A proposta inicial do projeto de pesquisa era a de entrevistar seis pessoas, o que diante da indisponibilidade, ou difícil acesso telefônico, a metodologia teve de ser alterada para quatro sujeitos. Nesse sentido, sugere-se que seja realizada uma pesquisa que abarque maior número de pessoas, talvez com caráter quantitativo para poder abordar o tema também sob outra perspectiva.

Outra sugestão seria a de realizar pesquisas para verificar se há mudanças quanto ao número de reconciliações em virtude da mudança da Lei. Verificar uma possível consequência da extinção do período de separação com a entrada de divórcio direto e problematizar o papel da mediação familiar a partir dessa alteração na legislação.

Os dados encontrados através desta pesquisa vão de encontro ao desejo inicial que era o de encontrar na reconciliação um amor romântico. O romantismo

que a palavra reconciliação repassa, parece ter sido desmistificado quando se procurou saber as reais justificativas para o casal resolver se reconciliar. O amor com dificuldades, superações, barreiras e buracos se apresentou neste trabalho. O amor que depende de cada um estar disposto ou não a tentar mais uma vez. Neste trabalho, os entrevistados tentaram. Mas esta tentativa, aos olhos da pesquisadora, se deu mais por uma solução diante dos problemas do que realmente por uma opção de vida. As opções diante do leque de possibilidades e limitações da vida de cada entrevistado, permitem que façam uma escolha limitada, o livre arbítrio é possível até um certo ponto.

Ressalta-se as descobertas feitas com a realização deste trabalho, que vão além do mundo acadêmico. O mundo interior do pesquisador pôde ser reconhecido em muitos aspectos. Os desafios proporcionaram um conhecimento ímpar, testaram limitações, potencializaram forças e revelaram particularidades até então desconhecidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Vera Lúcia Pereira. **Receitas para a conjugalidade**: uma análise da literatura de auto-ajuda. 2005. 248 f. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000374635>>. Acesso em: 10 outubro 2010.

ALMEIDA, Thiago de. **Infidelidade Heterossexual e relacionamentos amorosos contemporâneos**, 2007. Disponível em: <http://www.thiagodealmeida.com.br/site/files/pdf/Infidelidade_e_relacionamentos_morosos.pdf>. Acesso em 05 maio 2011.

ANDOLFI, Maurizio; SACCU, Carmine; ANGELO, Claudio. **O casal em crise**. São Paulo: Summus, 1995.

BARTILLOTTI, Carolina Bunn et.al. Competências profissionais do mediador familiar: método e instrumento de avaliação. In: ROVINSKI, Sonia; CRUZ, Roberto. **Psicologia Jurídica: perspectivas teóricas e processos de intervenção**: São Paulo: Vetor, 2009, p. 220-231.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2004.

BITTENCURT, Bianca. **Mediação**: Uma alternativa para a resolução de conflitos no direito de família. Revista Jurídica da UniFil, Londrina, v. 5, n. 5. 2008. Disponível em: <http://web.unifil.br/docs/juridica/05/ARTIGO_11.pdf>. Acesso em: 8 setembro 2010.

BRASIL. Lei nº 6.515. Lei do Divórcio e da Separação Judicial - Lei 6515/77 | Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977. **JusBrasil**, Brasília, s/d. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/103444/antiga-lei-do-divorcio-e-da-separacao-judicial-lei-6515-77>. Acesso em: 15 maio 2011.

BREITMAN, Stella; PORTO, Alice Costa. **Mediação familiar**: uma intervenção em busca da paz. Porto Alegre: Criação Humana, 2001.

BUNDT, Roger. **A moral da infidelidade**. Porto Alegre: FAMECOS, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/famecos/article/view/2588/2009>> Acesso em: 06 maio 2011.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CESAR-FERREIRA, Verônica. **Família, separação e mediação**. São Paulo: Método, 2004.

COSTA, Juliana Monteiro. A arte de recomeçar: Uma compreensão das dinâmicas recasadas. 2008. 115f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)- Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: <http://www.unicap.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=312>

DIAS, Maria Berenice. **O amor proibido**, s/d. Disponível em: <http://www.mariaberenice.com.br/uploads/5_-_amor_proibido%281%29.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2011.

_____. **Amor tem preço?** s/d. Disponível em: <http://www.mariaberenice.com.br/uploads/4_-_amor_tem_pre%27o.pdf> Acesso em: 27 mar. 2011

FALCKE, Denise et.al. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, Adriana. (Org.). **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. [S.1.]: booksgoogle, 2005. Disponível em: <<http://books.google.com.br>> Acesso em: 06 maio de 2011.

FELIPE, Jane. **Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade**. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação de UFRGS, Porto Alegre, 2007

FERES-CARNEIRO, Terezinha. **Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade**. Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 8, n. 3, Dec. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000300003&lng=en&nrm=iso> Acesso em: ago 2011

_____. **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade**. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v. 11, n. 2, ago. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 set. 2010.

FILHO, José Humberto Silva. Psicologia das Habilidades Sociais- Terapia e Educação. **Revista Paidéia**, Petrópolis, 14 (28), 233 -234, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/12.pdf>> Acesso em: 02 junho 2011.

FONKERT, Renata. **Mediação Familiar**: Recurso Alternativo à terapia familiar na resolução de conflitos em família com adolescentes, 1998.
Disponível em:
<<http://www.productivedialogue.net/upload/publications/04022009164518.pdf>>.
Acesso em: 18 agosto 2010.

FREIRE-COSTA, Jurandir. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1998.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

_____ **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOTTMAN, John. **Casamentos**: por que alguns dão certo e outros não. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par**: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas do Registro Civil, 2008**. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2008/rc2008.pdf>>.
Acesso em: 21 ago. 2010

_____ **Estatísticas do Registro Civil, 2007**. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1278&id_pagina=1>. Acesso em: 16 ago. 2010

JABLONSKI, Bernardo. **Até que a vida nos separe**: a crise do casamento contemporâneo. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

_____ Atitudes frente ao casamento. In: FERES-CARNEIRO, Terezinha. **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: Editora NAU, 2001. p. 81-95. Disponível em: <http://www.bernardojablonski.com/pdfs/producao/atitudes_frente.pdf>. Acesso em 30 maio 2011.

KRÜGER, Liara Lopes. Mediação do divórcio: pressupostos teóricos para a prática sistêmica. In: ROVINSKI, Sonia; CRUZ, Roberto. **Psicologia Jurídica: perspectivas teóricas e processos de intervenção**: São Paulo: Vetor, 2009, p.234-246.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LÜDKE, ANDRÉ. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 1986.

MALDONADO, Maria Tereza. **Casamento: término e reconstrução**. São Paulo: Saraiva, 1995.

MATOS, Marlise. **Reinvenções do Vínculo Amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000.

MOORE, Christopher W. **O processo de mediação: estratégias práticas para a resolução de conflitos**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MÜLLER, Fernanda G; BEIRAS, A.; CRUZ, Roberto M. **O trabalho do psicólogo na mediação de conflitos familiares: reflexões com base na experiência do serviço de mediação familiar em Santa Catarina**. Aletheia, Canoas, n.26, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942007000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 set. 2010.

NOTADEZ. **Divórcio será imediato com promulgação de emenda à Constituição**. 2010. Disponível em: <<http://www.notadez.com.br/content/noticias2.asp?id=106860&expression=nova>> Acesso em: 19 Agosto 2010.

NEVES, Ana Sofia Antunes Das. **As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”?**, 2007. 619-627. ISMAI – Instituto Superior da Maia, Portugal. Estudos Feministas, Florianópolis, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a06v15n3.pdf>>. Acesso em: 21 agosto 2010.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, monografias, dissertações e teses.** São Paulo: Pioneira, 1997.

OLTRAMARI, Leandro Castro. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 14, n. 4, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000400007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 agosto 2010.

PECK, Judith Stern; MANOCHERIAN, Jennifer. O divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PEIXOTO, Clarice Ehlers; HEILBORN, Maria Luiza; BARROS, Myriam Lins de. Família, geração e cultura. In: BOZON, Michel. **A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas.** Rio de Janeiro: Ed: FGV, 2004.

PERLIM, Giovana Dal Bianco. **Casamentos Contemporâneos: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal.** 2006. 293 f. Tese (Doutorado)- Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://btd.d.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_arquivos/27/TDE-2007-05-30T115956Z-1146/Publico/Tese%20GIOvana%20dal%20bianco%20perlin.pdf>. Acesso em: 22 agosto 2010.

PINTO, Adriana Gourveia. **A relevância da orientação social nos processos de separação conjugal, do Curso de Serviço Social da Universidade da Amazônia.** 2001. 20 f. Monografia (Graduação em Serviço Social)- Universidade da Amazônia, Belém, 2001. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/Separacao_Conjugal.pdf>. Acesso em: 19 agosto 2010.

ROSSET, Solange Maria. **Pais e filhos: uma relação delicada.** Curitiba: Sol, 2007.

ROSNER, Stanley; HERMES, Patricia. **O ciclo da auto-sabotagem**. Por que repetimos atitude que destroem nossos relacionamentos e nos fazem sofrer. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

SALES, Lilia Maia de Moraes (2004). **Justiça e mediação de conflitos**. Belo Horizonte: Del Rey.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOUZA, Rosane Mantilla de; RAMIRES, Regina R. **Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças**. São Paulo: Summus, 2006.

ZORDAN, Eliana Piccoli. **A separação conjugal na contemporaneidade**: motivos, circunstâncias e contextos. 2010. 130 f. Tese (Doutorado)-Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2563>. Acesso em: 22 agosto 2010.

WAGNER, Adriana. et.al. Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. **Psicol. Reflex. Crit.** Porto Alegre, Vol 10 n.1. 1997.

Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/relacoesfamiliares/Artigos/Cren%C3%A7as%20e%20valores%20dos%20adolescentes%20acerca%20de%20fam%C3%ADlia,%20casamento,%20separa%C3%A7%C3%A3o%20e%20projetos%20de%20vida.pdf>> Acesso em: 08 jun 2011.

WARAT, Luis Alberto. **O ofício do mediador**. Florianópolis: Habitus, 2001.

WATZLAVICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don. D. **Pragmática da Comunicação Humana**: um estudo dos Padrões, Patologias e Paradoxos da Interação. São Paulo: Cultrix, 1967.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semi-estruturada

| |
|-----------------------|
| IDENTIFICAÇÃO: |
| Idade: |
| Profissão: |
| Grau de Escolaridade: |

| |
|--|
| PERGUNTAS NORTEADORAS: |
| Quantos anos você tinha quando se casou? |
| Como vocês se conheceram? |
| Estão casados há quanto tempo? |
| Você tem filhos? Quantos? |
| Como foi a decisão de se casar? |
| Teve outro casamento? |
| O que você acha importante, fundamental para o relacionamento amoroso se manter ao longo do tempo? |
| Quais são os pontos positivos da relação de vocês? |
| O que você gostaria que melhorasse na relação de vocês? |
| Como foi para você o período em que vocês resolveram se separar? |
| Se fosse para você viver solteira novamente hoje. Como seria isso para você? |
| O que você percebe sobre a vida pós-divórcio das pessoas que se separaram? |
| Como você acha que teria acontecido a sua vida se você tivesse se separado? |
| Você já esteve aqui no serviço de mediação querendo se separar do seu marido e depois resolveu ficar junto de novo. Que coisas fizeram você tomar a decisão de se reconciliar? |

Desde o momento que vocês procuraram a mediação familiar até o dia de hoje, algo mudou na relação de vocês?

Se fosse para definir o relacionamento de vocês em uma palavra, qual seria?

APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



| |
|--|
| <p>UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA- COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA- CEP TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</p> |
|--|

Título da Pesquisa: “SEPARAR-SE OU NÃO? A reconciliação como opção”

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa que tem como título: “SEPARAR-SE OU NÃO? A reconciliação como opção”.

A pesquisa tem como objetivo saber as justificativas das pessoas que tinham o intuito de se separar mas que resolveram desistir da separação e se reconciliar com seu cônjuge.

É importante pesquisar a respeito desse assunto para poder elaborar projetos na área da saúde, como grupos de reflexão abordando questões de relacionamento conjugal que atendam as demandas da população. A reconciliação é muito comum na conjugalidade, porém há poucos materiais publicados sobre o assunto.

Esta pesquisa será realizada com alguns requerentes, ou seja, aquelas pessoas que procuraram o serviço de mediação familiar. A entrevista será gravada, durará cerca de trinta minutos e será feita num lugar onde você possa sentir-se à vontade para responder as perguntas. Depois o pesquisador fará a transcrição fiel da gravação evitando mudar o que você disser na entrevista.

Você não é obrigado (a) a responder todas as perguntas e poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento (antes, durante ou depois de já ter aceitado participar dela ou de já ter feito a entrevista), sem ser prejudicado (a) por isso. Você terá liberdade para responder somente o que quiser durante a entrevista e caso você se sinta desconfortável em algum momento, é importante que diga isso à pesquisadora para que ela possa auxiliá-lo(a).

Você poderá quando quiser pedir informações sobre a pesquisa à pesquisadora. Esse pedido pode ser feito pessoalmente, antes ou durante a

entrevista, ou depois dela, por telefone, a partir dos contatos do pesquisador que constam no final deste documento.

Todos os seus dados de identificação serão mantidos em sigilo e a sua identidade não será revelada em momento algum. Em caso de necessidade, serão adotados códigos de identificação ou nomes fictícios como forma de preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é voluntária, o que significa que você não poderá ser pago, de nenhuma maneira, por participar desta pesquisa.

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar desse estudo como sujeito. Fui informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Karina Buss Wiggers sobre o tema e o objetivo da pesquisa, assim como a maneira como ela será feita e os benefícios e os possíveis riscos decorrentes de minha participação. As gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Diante do que me foi explicitado, eu:

- Aceito participar da pesquisa e autorizo a utilização do gravador de voz
 Aceito participar da pesquisa mas não autorizo a utilização do gravador de voz

Nome do sujeito da pesquisa: _____

RG: _____

CONTATOS

Acadêmica Responsável: Karina Buss Wiggers

Endereço Eletrônico: karinawiggers@gmail.com

Telefone: (48) 96523990

Professora Orientadora: Zuleica Pretto

Endereço Eletrônico: zuleicapretto@yahoo.com.br

Telefone: (48) 32791084